



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA.
FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

THAYSE ALVES MOREIRA

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CONCLUSÃO DO ENSINO
SUPERIOR: Olhares de acadêmicas do Curso de Pedagogia da FAI,
Itaituba/PA**

ITAITUBA-PA

2020

THAYSE ALVES MOREIRA

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CONCLUSÃO DO ENSINO
SUPERIOR: Olhares de acadêmicas do Curso de Pedagogia da FAI,
Itaituba/PA**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia apresentado à Faculdade de Itaituba – FAI, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Mestra Raquel Peres Rocha.

ITAITUBA-PA

2020

THAYSE ALVES MOREIRA

**TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CONCLUSÃO DO ENSINO
SUPERIOR: Olhares de acadêmicas do Curso de Pedagogia da FAI,
Itaituba/PA**

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia apresentado à Faculdade de
Itaituba – FAI, para obtenção do título de Licenciada
Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Mestra em História Raquel
Peres Rocha

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a. Raquel Peres Rocha, Ma.

Avaliador 01: _____ Nota: _____
Prof. Francisco Cláudio de Souza Silva, Dr.

Avaliador 02: _____ Nota: _____
Prof.^a. Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 10 de fevereiro de 2020.

A minha família, minha mãe Alzira Alves Moreira ao meu pai Flavio Manoel Marques da Silva, por terem me criado no caminho da retidão, me encorajado, me apoiado e me amando e me incentivando sempre a estudar. A minha irmã Thaciane Moreira da Silva que sempre me apoiou e fez minha inscrição no PROUNI. Ao meu esposo Jairis Saulo da Silva Mota que sempre me incentivou e apoiou em tudo. Ao meu querido filho Enzo Manoel que sempre me acompanhou e me dá forças para vencer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus** se não fosse ele eu não teria conseguindo, pois tudo depende de sua vontade para acontecer.

A minha família, meus pais **Flávio Manoel Marques da Silva, Alzira Alves Moreira**, que sempre me incentivaram a estudar, meus irmãos **Geiber Alves Moreira, Thaciane Moreira da Silva** que sempre estiveram e estarão ao meu lado me incentivando.

Ao meu querido esposo **Jairis Saulo da Silva Mota** pelo apoio e incentivo durante esses quatro anos, e em especial ao meu filho **Enzo Manoel Moreira Mota** que me deu forças para não desistir e acompanhou todas as noites na faculdade.

A minha sogra **Sandra Romana da Silva Mota** e aos meus amigos de turma e da vida, em especial minhas amigas **Larice Nunes, Cleubimar Santos da Silva, Maria Anunciação Campos Santos, Lidiane das Chagas Cavalcante** e meu amigo **Flávio de Oliveira Gomes** que sempre estivemos juntos nesses quatro anos, uns apoiando os outros nas realizações dos trabalhos.

A todos da Instituição de Ensino FAI, que foram de grande importância na minha formação acadêmica todos os meus professores do curso de pedagogia, pelos conhecimentos repassado ao longo dos quatro anos de curso, em especial as professoras **Raquel Peres Rocha, Lucia Maria da Costa Cruz, Antônio Vanda e Caren Kluska**, pelo carinho e compreensão nos momentos que não pude comparecer em suas aulas por motivos de saúde.

A minha querida professora e orientadora mestra **Raquel Peres Rocha** pelo carinho e orientação, sempre demonstrou atenção para comigo, incentivou e orientou para que tornasse possível a conclusão desta monografia.

Aos meus avaliadores, Prof. Dr. **Francisco Cláudio de Souza Silva**, e Prof. Esp. **Lucia Maria da Costa Cruz**.

Enfim, agradeço a todos que fizeram ou fazem parte da minha vida, que de uma ou outra forma estiveram comigo, contribuindo e me ajudando a crescer.

Muito obrigada!

*“Para realizar grandes conquistas
devemos não apenas agir, mas também
sonhar; não apenas planejar, mas também
acreditar.”*

(Anatole France)

RESUMO

Esta monografia tem como tema Trajetórias de Mulheres na Conclusão do Ensino Superior, olhares de acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, o objetivo do trabalho é analisar as dificuldades e os desafios enfrentados por essas mulheres durante a trajetória para a conclusão do curso, tendo como finalidade pesquisar as trajetórias de mulheres na conclusão do Ensino Superior, a partir de olhares de acadêmicas do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, com foco de análise voltado as mulheres que são estudantes, em muitos casos, “donas de casas”, esposas e mães, verificando as dificuldades que encontram para concluir o Ensino Superior. Para melhor análise deste trabalho levantou-se algumas questões norteadoras: Quais as principais dificuldades encontradas por mulheres acadêmicas para permanecerem no curso de graduação? Qual a expectativa dessas mulheres após a conclusão do Ensino Superior? Quais os desafios encontrados pelas acadêmicas que são: mães, esposas e “donas de casa”, para conciliar as jornadas múltiplas de trabalho? As metodologias utilizadas para realização deste trabalho foram pesquisas bibliográficas acerca da temática do estudo, pesquisa de campo realizada nas dependências da instituição de ensino-FAI no mês de janeiro de 2020, sendo o público alvo, acadêmicas do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da referida instituição, que contaram relatos de sua trajetória enfrentada para realização da conclusão do ensino superior. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas subjetiva estruturadas, enquadrando também neste estudo a abordagem qualitativa e descritiva. Diante de tudo que foi pesquisado e analisado é possível notar que ainda são muitas as dificuldades e desafios enfrentados pelas mulheres para conclusão da graduação são muito os fatores que influenciam direto e indiretamente, porém é possível afirmar que a mulher vem sempre enfrentando e rompendo desafios para obter reconhecimento e igualdade de direitos.

Palavras-chave: Trajetórias, Mulheres, Ensino Superior, Educação.

ABSTRACT

This monograph is the subject of Women's Trajectories in the Conclusion of Higher Education, academic scans of the Pedagogy Course of the Faculty of Itaituba, the objective of the work is to analyze the difficulties and challenges faced by these women during the trajectory for the completion of the course, with the purpose of researching the trajectories of women in the conclusion of Higher Education, from the perspective of academics of the Pedagogy course of the Faculty of Itaituba-FAI, focusing on analysis aimed at women who are students, in many cases, "housewives", wives and mothers, verifying the difficulties they encounter to complete higher education. To better analyze this work, some guiding questions were raised: What are the main difficulties encountered by academic women to remain in the undergraduate course? What is the expectation of these women after the completion of higher education? What are the challenges encountered by the academics who are: mothers, wives and "housewives", to reconcile the multiple work days? The methodologies used to carry out this work were bibliographic research on the theme of the study, a field research conducted on the premises of the fai-educational institution in January 2020, being the target audience, academics of the Course of Full Degree in Pedagogy of that institution, which reported reports of its trajectory faced to complete higher education. Data collection was performed through structured subjective interviews, also framing in this study the qualitative and descriptive approach. In view of all that was researched and analyzed it is possible to note that there are still many difficulties and challenges faced by women to complete graduation are many factors that influence directly and indirectly, but it is possible to affirm that women has always faced and breaking challenges to obtain recognition and equal rights.

Keywords: Trajectories, Women, Higher Education, Education.

LISTA DE SIGLAS

ONU- Organização das Nações Unidas

FIES – Financiamento Estudantil Público para o Ensino Superior

PROUNI-Programa Universidade Para Todos

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Escolaridade área de atuação e tempo de serviço.....	45
QUADRO 02	Quais são as principais dificuldades encontradas por mulheres acadêmicas para permanecerem no curso de graduação?	46
QUADRO 03	Qual a expectativa dessas mulheres após a conclusão do Ensino Superior?	47
QUADRO 04	Quais são os desafios enfrentados pelas acadêmicas que são: mães, esposas e “donas de casa”, para conciliar os vários segmentos diários de trabalho?	48
QUADRO 05	Como você analisa as trajetórias para a conclusão do Ensino Superior das acadêmicas de pedagogia da Faculdade de Itaituba?	49
QUADRO 06	Na sua opinião quais são os principais desafios enfrentados por essas acadêmicas na trajetória do Ensino Superior?	50
QUADRO 07	Quais são suas percepções quanto aos olhares das acadêmicas sobre a atuação da mulher no nível superior?	51
QUADRO 08	Quais são as estratégias usadas por estas mulheres para conciliar as jornadas múltiplas com a graduação?	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 HISTÓRIA DA MULHER NO MUNDO E SEU PAPEL SOCIAL.....	13
1.1 ORIGEM DA HISTÓRIA DA MULHER	13
1.2 HISTÓRIA DA MULHER NO BRASIL.....	16
1.3 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA	20
1.4 PRINCIPAIS LUTAS, CONQUISTAS E MOVIMENTOS FEMINISTAS.....	24
2 A INSERÇÃO DA MULHER NA EDUCAÇÃO.....	29
2.1 HISTÓRIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO NO MUNDO.....	29
2.2 HISTÓRIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	31
2.3 MULHER, EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO.....	34
2.4 EDUCAÇÃO UM INVESTIMENTO DE MULHERES.....	36
3 TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CONCLUSÃO DO ENSINO SUPERIOR: OLHARES DE ACADÊMICAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAI, ITAITUBA-PA.....	40
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA FACULDADE PESQUISADA	40
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	44
3.4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	45
4 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	57

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo analisar as trajetórias de mulheres na conclusão do Ensino Superior, a partir de olhares de acadêmicas do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, com foco de análise voltado as mulheres que são estudantes, em muitos casos, “donas de casas”, esposas e mães. A finalidade do estudo é verificar as dificuldades que encontram para concluir o Ensino Superior descrevendo os principais desafios enfrentados por essas acadêmicas na trajetória nessa modalidade de ensino, verificando os olhares das acadêmicas sobre a atuação da mulher no Ensino Superior e identificando as estratégias usadas por estas mulheres para conciliar as jornadas múltiplas com a graduação.

Percebe-se que atualmente nas instituições de Ensino Superior a presença das mulheres tem se mostrado bastante significativa, porém são muitos os desafios enfrentados por elas, quando além de estudarem são “donas de casas”, esposas e mães, situação que se junta aos desafios para concluir o Ensino Superior.

Portanto, nota-se que as mesmas têm mais dificuldades para concluir a graduação, o que contribui para que muitas desistam antes da conclusão do curso. Dessa maneira notou-se a necessidade de entender por que isso acontece. Para tanto levantou-se algumas questões norteadoras que são: Quais as principais dificuldades encontradas por mulheres acadêmicas para permanecerem no curso de graduação? Qual a expectativa dessas mulheres após a conclusão do Ensino Superior? Quais os desafios encontrados pelas acadêmicas que são: mães, esposas e “donas de casa”, para conciliar os múltiplos segmentos diários de trabalho?

Essas mulheres têm que conciliar seus horários diários com o mercado de trabalho, obrigações com os trabalhos domésticos, dedicação com os filhos e marido e a vida acadêmica, e com toda essa sobrecarga permanecer no curso torna-se um grande desafio, sendo constantemente cobrada por suas atividades domésticas.

Em muitos casos essas mulheres exercem uma jornada múltipla de trabalho, como já foi mencionado. Na maioria das vezes necessitam trabalhar fora de casa para ajudar na renda familiar, almejam ter um curso superior com o intuito de conseguir novas oportunidades, porém, quando se deparam com as dificuldades existentes neste nível de ensino muitas não dão prosseguimento ao curso. Mas existem aquelas que enfrentam todos os desafios e conseguem concluir a graduação.

Nesse sentido, justifica-se a relevância deste trabalho, o qual procura elaborar um estudo para melhor entendimento das trajetórias que essas mulheres fazem para cursarem e concluírem o Ensino Superior. Tendo como base metodológica os autores que orientam essa pesquisa como: Assis; Santos (2016), Aranha (2006), Gil (2010), Marcilio (1993), Priore (1994), Ribeiro; Costa 2013, Tilly (1990), entre outros.

Ainda se enquadra neste estudo a pesquisa de campo com abordagem qualitativa e descritiva realizada na Faculdade de Itaituba-FAI, no período de janeiro de 2020, em que as acadêmicas do Curso de Pedagogia foram entrevistadas dessa forma obteve-se os dados necessários, com o objetivo de analisar as trajetórias e dificuldades enfrentadas por essas mulheres para conclusão da graduação.

A presente pesquisa está estruturada da seguinte forma, no primeiro capítulo foi feita um breve resgate do papel da mulher na sociedade como um todo, desde sua origem histórica nas sociedades antigas até os tempos modernos.

No segundo momento foi realizado uma análise, sobre as conquistas e a trajetória da mulher no campo educacional no mundo e no Brasil, como também as conquistas femininas no mercado de trabalho.

No terceiro capítulo foram apresentadas as trajetórias das mulheres que estão inseridas no Ensino Superior no Centro de Estudos Superiores de Itaituba –FAI, apresentando análises dos dados e o resultado da pesquisa desenvolvida com as mesmas, concluindo com as considerações finais sobre o tema abordado na presente monografia.

1 HISTÓRIA DA MULHER NO MUNDO E SEU PAPEL SOCIAL

1.1 ORIGEM DA HISTÓRIA MULHER

Esta pesquisa encontra-se fundamentada em alguns autores que tratam da temática, a história das mulheres é caracterizada por diferença de raça, classe e origem nacional. De acordo com a bíblia sagrada que é considerada um dos livros históricos mais antigo do mundo por muitos especialistas, Deus criou todas as coisas, o céu, a terra, todos os animais, todas as plantas, o dia, a noite, porém não existia ninguém para cuidar e cultivar as coisas, então Deus criou o homem e modelou a mulher.

Para Comenius (2001), no início do mundo Deus criou o homem e colocou num paraíso de encantos por ele criado no Oriente, não só para que cuidasse e guardasse, mas também para que o homem fosse para seu Deus imagem e semelhança, assim como o paraíso era uma das partes mais agradável do Oriente o homem era a mais amada das criaturas.

Javé Deus disse: Não é bom que o homem esteja sozinho. Vou fazer para ele uma auxiliar que lhe seja semelhante. Então Javé Deus formou dos solos todas as feras e todas as aves do céu. E apresentou ao homem para ver com que nome ele as chamaria: cada ser vivo levaria o nome que o homem lhe desse. O homem deu nome a todos os animais, mas o homem não encontrou uma auxiliar que lhe fosse semelhante (BAIANCIN; STORNILO, 1990, Gn. cap. 2.18 - 21).

De acordo com as ideias do autor a história contada no livro de gêneses, o livro que retrata Deus como o criador de todas as coisas, na origem da criação Deus viu a necessidade do homem em não ficar sozinho e resolveu criar uma auxiliar que fosse a sua imagem e semelhança, Deus criou todas as aves e feras e apresentou ao homem, o mesmo deu nome a todos esses animais, entre todos esses animais não encontrou nenhum que pudesse ser sua imagem e semelhança.

Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem ele dormiu. Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne. Depois da costela que tinha tirado do homem Deus modelou uma mulher, e apresentou-a para o homem. Então o nome exclamou: Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem! (BAIANCIN; STORNILO, 1990. Gn. cap. 2 .21-23).

O autor fala sobre a história da origem do mundo e da humanidade quando

Deus criou todas as coisas, criou o homem e do homem criou a mulher para ser sua imagem e semelhança. A mulher não foi tirada da cabeça do homem para mandar nele, nem foi tirada dos pés dele para ser sua escrava, mas foi tirada do lado para ser sua companheira, e assim surgiu a história da mulher no mundo.

Tilly (1990), afirma que Marc Bloch deu uma definição simples e acessível da história como ciência dos homens no tempo. Essa fórmula pode ser transposta e ajustada ao sexo, definindo a história das mulheres como “a ciência das mulheres no tempo”. Por mais que as mulheres sejam definidas pelo sexo, elas vão além de uma categoria biológica, são pessoas do sexo feminino de diferentes idades, situações familiares diferentes, pertencentes a diferentes classes sociais, suas vidas são marcadas por diferentes costumes, regras e crenças sociais.

Um aspecto da história das mulheres que a distingue particularmente das outras é o fato de ter sido uma história a um movimento social: por um longo período, ela foi escrita a partir de convicção feministas. Certamente toda história é herdeira de um contexto político, mas relativamente poucas histórias tem uma ligação tão forte com um programa de transformação e de ação como a história das mulheres (TILLY, 1990, p. 31).

De acordo com as ideias do autor a história das mulheres se diferencia das outras histórias por ter sido escrita a partir de pensamentos ou ideias feministas, ligada a um movimento social, sendo escrita por convicção feministas possuindo uma modificação forte ao longo dos anos.

Segundo Tilly (1990 p.31), “um admirável estudo recente de Nancy Cott recoloca o feminismo em um contexto histórico e demonstra que no seu sentido atual, esta palavra só começou a ser utilizada na América Latina no primeiro decênio deste século”. A definição operacional que a autora propõe é funcional e completa. Seus três componentes são:

1.A defesa da igualdade dos sexos;2. O reconhecimento de que a condição das mulheres é reconhecida socialmente [...] historicamente determinada pelos usos sociais ;3. A identificação com as mulheres enquanto grupo social e o apoio a elas (TILLY,1990, p.31).

A autora propõe que exista a defesa de igualdade entre os sexos, que homens e mulheres gozem das mesmas oportunidades, direitos e obrigações em todas as áreas, que as mulheres possam ser apoiadas e reconhecidas se beneficiando das mesmas condições no acesso à educação, saúde, nas oportunidades no trabalho e

na carreira profissional, identificando, reconhecendo e apoiando as mulheres como grupo social. A partir de então essa definição passa a ser vista e utilizada de maneira completa e passa a ser muito utilizada por academias contemporâneas.

Conforme Tilly (1990, p.33), menciona que “o primeiro livro tratando da história das mulheres a ter recebido o prêmio Brancroft, foi *Cradle of the Middle class: The Family In Oneida County, New York* de Mary Ryan, 1970-1985” publicado em 1981. De acordo com as ideias da autora, fundado em 1948, e entregue pela Columbia University, o prêmio Brancroft é atribuído aos trabalhos de história dos Estados Unidos e de diplomacia.

Tilly (1990), afirma que estudando as mulheres celibatárias das classes medias e superiores da Inglaterra, Martha Vinicius mostra instituições não mistas como; escolas, comunidades religiosas e lares sociais, no qual algumas mulheres organizavam seu espaço e seu tempo quando possuíam oportunidades de fazê-lo , esse espaço organizado pelas mulheres mostrava o primeiro passo daquilo que se chamaria hoje de cultura feminina, pode-se observar que as mulheres sempre estiveram lutando pelo seu espaço e por sua história desde a antiguidade.

Soihet; Soares; Costa (2000), afirmam que a infelicidade das mulheres faz a felicidade dos homens, essa pergunta foi feita por Marie Elisabeth Handman em um pequeno lugarejo grego em meados do ano de 1960, ela menciona sobre o antagonismo dos sexos, onde as mulheres ficam confinadas e isoladas em suas casas em uma sociedade economicamente fechada na qual as mulheres deveriam viver de acordo com os códigos sociais e culturais, onde não possuíam liberdade nem controle sexual. A partir das ideias da autora as mulheres eram infelizes pelo fato de não ter direitos nem liberdade, viviam de acordo com o que a sociedade e o marido acreditavam que seria o correto.

Pode-se observar que a história das mulheres é um estudo do papel que as mulheres desempenharam ao longo da história, incluindo sua origem, o estudo da história do crescimento dos direitos das mulheres na história ao longo dos tempos, a importância histórica individual de cada uma e os acontecimentos históricos que ocorreram. As mulheres desde sempre foram muito excluídas e quando apontadas são geralmente relatadas com algum tipo de estereótipo (TILLY, 1990).

1.2 HISTÓRIA DA MULHER NO BRASIL

A história das mulheres certamente contribui para identificar e expandir a nossa compreensão sobre fatos do passado, incrementando nossos conhecimentos históricos. Muitas mulheres fizeram parte e marcaram a história da mulher, tornando visível o que estava esquecido ou mesmo desaparecido, tem no Brasil suas pioneiras: Miriam Moreira Leite, Maria Odília Silva Dias e Maria Beatriz Nizza da Silva.

Marcaram a produção historiográfica com trabalhos notáveis e o ineditismo da fonte que lidaram. A iconografia e a fotografia, os relatos de viajantes estrangeiros, os processos civis e criminais, a tradição oral, a documentação eclesiástica foram por essas brilhantes autoras diagnosticadas e interpretados, introduzindo no mundo feminino da casa, do trabalho, do casamento e da família ao longo do século XIX (PRIORE, 1994, p.13).

De acordo com a autora, essas mulheres marcaram sua história da no Brasil com trabalhos bastante significativo, pesquisando e trazendo fatos que estava esquecido ou até mesmo poderia ter desaparecido, como relatos de viajantes, tradições orais e fotografias, essas fontes serviram para ajudar na história do mundo feminino.

Sabe-se que ao longo da história da humanidade mulheres e homens desempenhavam papéis sociais muito diferentes, desde os primórdios as mulheres não eram vistas com “bons olhos” sendo consideradas impuras, servindo apenas para casar, procriar e cuidar dos afazeres domésticos, com o passar dos tempos o papel da mulher começa a mudar.

Na antiguidade grega onde se consolidou grande parcela das percepções humanas quanto a padronização dos comportamentos sociais válidos até nossos dias, tendem que havia diferenças naturais entre o homem que era dotado de civilização, e a mulher que era constituída de natureza (CRUZ, 2013, p.3).

O autor supracitado menciona sobre as diferenças comportamentais existentes na antiguidade grega em relação a homens e mulheres, a mulher deveria ser submissa ao homem como se fosse uma ordem natural, sua inferioridade se comparava a de um escravo com seu proprietário. Assim desde a antiguidade o homem era responsável pelas atividades fora do lar e a mulher ficava restrita as práticas do lar, a naturalidade da gestação e aos cuidados com os filhos.

Segundo Ribeiro; Costa (2013), no Brasil Colônia as mulheres não tinham o direito a participação nos processos de escolhas, direta ou indiretamente, dos representantes dos colonos junto às câmaras de Vereanças, órgão da administração colonial, reservado aos “homens bons” das vilas ou cidades.

Mesmo sendo “mulheres boas”, ou seja, detentoras das qualidades exigidas àqueles: honestidade, honradez, zelo com a coisa pública, ser proprietário de bens, capacidade administrativa, fidelidade ao Rei e a Coroa Portuguesa, ficavam de fora das referidas eleições, ato cívico e político de domínio masculino (RIBEIRO; COSTA, 2013, p.218).

Segundo o autor por mais que as mulheres fossem consideradas boas esposas dedicadas a vida doméstica e a vida pública, elas não tinham direito de votarem ficavam de fora, ficar de fora nos mostra claramente a divisão de gênero, mulheres para lá e homens para cá apenas os homens podiam tomar as decisões políticas.

Nessa época havia uma clara divisão sexual de espaços, onde cabia apenas as mulheres as atividades privadas, cuidar da família, obedecer ao esposo e participar da vida religiosa, já aos homens eram responsáveis pela vida pública, trabalhavam fora de casa para o sustento da família, participavam da política etc.

Em relação aos grupos mais abastados, almejava-se que o espaço público-aquele onde se trabalhava, discutia se política, desenvolvia o intelecto, frequentava o café e os bordeis –fosse exclusivo dos homens; já o ambiente privado seria o lugar feminino, por excelência-ambiente da administração das economias do lar, dos afazeres domésticos, da criação de filhos, da perpetuação da moralidade, da reclusão da obediência e do culto a intimidade (VALENTE; ASSIS, 2016, p.99).

De acordo com as ideias do autor supracitado se pode observar uma diferença entre a formação desejada, para um homem e uma mulher, ao qual era reforçado pelo modelo de educação que vigorava na época no país. Durante muito tempo as mulheres estiveram confinadas dentro do lar, sendo responsável pelos trabalhos domésticos, e funções de esposas e mães, fatores culturais e morais da época impediam que elas abrissem mão dos serviços domésticos para trabalhar fora do lar, eram vistas como objetos de procriação e consideradas como propriedade dos homens, aos quais deviam obediência e subordinação. Já os homens participavam dos espaços públicos, trabalhavam para o sustento da família, discutiam sobre política e frequentavam bordeis.

Cabem à mulher papéis assimétricos em relação ao homem, na família e no casamento. Desde a infância, prepara-se a menina para a obediência e a submissão a seus irmãos e ao pai. A justificativa para a posição assimétrica entre os sexos é vista em termos morais e religiosos. Assim ao homem, “representante de Deus” e a “cabeça da mulher”, atribui-se papel de liderança e “autoridade circundada duma auréola divina (MARCILIO,1993, p.106).

Conforme a autora menciona cabiam as mulheres papéis parecidos em relação ao homem na família e no casamento, no entanto, esse papel assimétrico entre os sexos se restringia apenas em termos morais e religiosos, desde crianças as meninas já eram educadas para serem obedientes e subordinadas aos seus irmãos e ao pai, mantendo-se submissa desde a vida no lar paterno como na futura vida conjugal. O homem era visto como o representante divino e a cabeça da mulher, ou seja, o chefe da família, cabia a ele o papel de líder e autoridade da família.

A discurso sobre o uso dos corpos femininos e seus prazeres, impostos de cima para baixo, sobretudo a partir do século XVII, expressa-se através de uma apologia que lisonjeia a mulher para melhor submete-la. A Reforma Protestante e a Contra Reforma católica, introduzindo mais austeridade nos costumes, dão o tom severo dos discursos, e a mulher torna-se alvo preferido dos pregadores que subiam ao público para acusarem de luxúria (PRIORE,1994, p.16).

De acordo com a autora supracitada, o discurso em relação ao uso do corpo e aos prazeres femininos foi atribuído às mulheres em meados do século XVII, através da ideia de que a mulher deve ser enaltecida para melhor submete-la. Sendo assim nesse período a Reforma Protestante e a Contrarreforma católica introduziram maior rigidez no modo de vida e as mulheres passaram a ser alvo preferido dos pregadores da época que ascendiam ao público para apontarem de luxúria.

Priore (1994), afirma que o discurso em relação ao uso dos corpos e prazeres femininos, foi imposto às mulheres pela igreja, segundo a mesma faltavam mulheres que fossem ideais para se casarem, assim seria necessário formar essas mulheres. Para melhor dominar as mulheres dentro do casamento seria necessário um modelo feminino de corpo submisso, puro e carnes tristes. Com a Reforma e a Contra Reforma Católica, as mulheres se tornaram alvos principal dos pregadores em público acusando de luxúria, não podiam usar joias, nem expor seus seios e os pés, caso contrário estaria pecando e associadas a prostituição e teriam que obedecer aos castigos impostos pela igreja.

Segundo Priore (1994, p.17), “A mulher que deseja escapar aos castigos celestiais ou temporais deve estar enquadrada no casamento, e nele... deve estar sujeita ao seu marido”. Conforme as ideias da autora a mulher que não aceitasse a correção divina, deveriam ser conditas no casamento, ou seja cabia ao esposo corrigir, a mulher deveria se sentir agradecida e receber a correção com humildade para viverem em paz.

Conforme Assis; Santos (2016), desde os primeiros anos escolares as disciplinas oferecidas eram diferenciadas segundo o sexo: os meninos discutiam história, geográfica e raciocínio lógico, as meninas economia doméstica, pluricultura, pintura e música. Observa-se que naquela época desejavam formar renomeados políticos, intelectuais e excelentes esposas.

“Não obstante as tentativas legais e culturais de liminar os lugares de atuação das mulheres, algumas não aceitaram as condições impostas e subverteram as regras. Quem foi então, essa mulher que ousou divulgar seus pensamentos no espaço público e questionar as determinações sociais dirigidas ao sexo feminino? A responsável pela fundação e redação do mencionado período foi Francisca Senhorita da Mota Diniz, mineira, natural de São João del-Rei [...]” (ASSIS; SANTOS, 2016, p.100).

De acordo com o autor supracitado, Francisca senhorita não conformada com as questões que eram impostas naquela época pela sociedade em relação aos lugares de atuação das mulheres, resolveu expor seus pensamentos nos espaços públicos e questionar as determinações impostas ao sexo feminino. Sua trajetória ficou marcada na imprensa no ano de 1873, ela publicou o periódico O Sexo Feminino, escolhendo um dia repleto de significado para a nossa pátria, havia exatamente cinquenta e um (51) anos que o Brasil tinha rompido os laços coloniais com Portugal.

Para Assis; Santos (2016, p.101), nas palavras de Francisca “viva o dia 7 de setembro de 1822/ viva a independência do nosso sexo! Viva a instrução da mulher”. Segundo as autoras Francisca fez uma analogia entre a independência da nação e a tão sonhada independência do sexo feminino.

Com o intuito de acabar com a ignorância feminino o maior inimigo do sexo feminino a redatora escreveu inúmeros artigos incentivando a leitura de livros e periódicos; publicou anúncios de romances, deixou na redação alguns livros para serem emprestados as suas assinantes, para facilitar o acesso da família e principalmente clamou para que as mulheres praticassem a escrita (ASSIS; SANTOS, 2016, p.106).

Conforme o autor menciona com a finalidade de abolir com a ignorância feminina, que nessa época as mulheres desconheciam seus direitos e os maridos gostavam que suas esposas permanecessem na ausência de conhecimento, a redatora incentivava a acabar com a ignorância feminina, incentivando a leitura e a escrita, para que as mulheres passassem a conhecer e praticar os seus direitos. Pode-se observar que ao longo da história do Brasil sempre estiveram aquelas mulheres que não aceitavam as ideias que eram impostas e passaram a lutar pelos seus direitos.

1. 3 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Priore (1994 p.11), frisa que “a mulher na história do Brasil tem surgido recorrentemente sob a luz de estereótipos, dando-nos enfadada ilusão de imobilidade”. Segundo a autora desde o surgimento da história da mulher no Brasil, a mesma já vinha sendo tachada por concepções preconceituosas, passando a ideia de frágil, desprovida de conhecimentos e impossibilitada.

Marcilio (1993 p.171), relata que “Nos séculos XVI, XVII e XVIII o casamento erigia-se na Colônia por razões de Estado, pela necessidade de povoamento das capitanias e por questões de segurança e controle social”. O autor menciona as atitudes da igreja em relação à mulher no Brasil colônia relatando a instalação do sacramento do casamento como mecanismo para controle da igreja sobre a sociedade, resultando no seu fortalecimento enquanto instituição superior, o controle do matrimônio pela igreja não somente fortalecia seu poder como também possibilitava o controle masculino sobre a sociedade defendendo a posição submissa da mulher.

Marcilio (1993) afirma que no jogo entre as realidades ultramarinas e os desejos da igreja, a mulher no papel de santa-mãezinha, ganhava gradativamente a função de agente dos projetos do Estado e da Igreja dentro da família e do “fogo” doméstico.

De acordo com o autor supracitado, a partir da realidade e aos anseios da igreja, a mulher teria que agir de acordo com o estado e a igreja dentro da família e na vida doméstica, nesse período a igreja defendia a divisão de funções entre homens e mulheres, ao homem competia à sustentação econômica da família trabalhando fora de casa, e a tarefa da mulher seria a educação dos filhos menores e atividades restritas ao lar.

A ideia de adestrar a sexualidade dentro do “tálamo conjugal” decorre do interesse de fazer da família, o eixo irradiador da moral cristã. Mas eis que falta a mulher ideal para casar e a igreja vai dispende séculos de peroração para formar, fora da elite uma mentalidade de continência e castidade, para mulheres para quem certas noções como virgindade, casamento e monogamia eram situações de oportunidades e ocasião, em contrapartida à realidade mais forte: a das difíceis condições materiais e insegurança econômica na colônia, que ditava as regras e os costumes próprios (PRIORE, 1994, p.13).

Segundo a autora, a ideia de preparar o uso dos corpos femininos dentro do casamento vinha da ideia de fazer da família obediente a moral cristã, conforme a autora menciona faltava a mulher ideal para casar, e a igreja passou vários séculos com seus discursos e ensinamentos que considerava certos para formar fora da elite uma mentalidade de inocência e castidade para as mulheres, fazendo acreditarem que castidade, virgindade e monogamia eram situações de oportunidades e ocasiões para mulheres perfeitas para o casamento.

A idealização passada de dona de casa, mãe esposa, guardiã do lar, transmissora da religião e da virtude, sublimada pelo culto católico a Nossa Senhora, mãe e mulher, está em fase de inflação. Talvez esta imagem cor-de-rosa, inspirada na vida da classe média, com a mulher mãe plantada em casa, nunca tenha sido representativa das classes populares. Pois nas famílias pobres as mulheres, além de lidar com as coisas de casa, trabalhavam muitas vezes fora de casa, fazendo serviços para outros, buscavam lenha para vender e outras coisas mais (MARCILIO, 1993, p.104).

Conforme o autor menciona acima, a vida das mulheres pobres esteve sempre ligada ao trabalho, na área rural sempre ajudavam na colheita e plantações, está imagem de que a mulher ficava restrita ao lar talvez fosse inspirada nas mulheres de classe média e nunca das classes populares, nas famílias pobres além de lidar com as coisas de casa as mulheres, trabalhavam fora de casa fazendo serviço para outras pessoas e buscavam lenha para vender e muitas outras coisas.

Para Priore (2016), algumas mulheres saíram do anonimato a que lhes condenou a história, estiveram à frente de fazendas e outras atividades agrícola. A vida das mulheres que moravam na área rural sempre esteve ligada ao trabalho, por mais que a história não seja explícita em livros, muitas mulheres foram responsáveis por fazendas, atividades agrícolas e dirigiram engenhos.

Quando fez uma descrição do Distrito de Campos Goitacás, em 1785, Couto Reis recenseou 124 engenhos, dos quais 10 pertenciam as mulheres. Para além destas senhoras de engenho, o cartógrafo identificou inúmeras lavradoras [...] (PRIORE, 2016, p. 83).

De acordo com as ideias do autor supracitado, com a realização de um censo que foi realizado nesse período, se pode observar a presença de mulheres envolvidas nas lavouras, cultivo de cana de açúcar e donas de engenhos, assim pode-se perceber que algumas mulheres sempre estiveram presentes nos trabalhos no campo e marcaram a história das mulheres. Essas mulheres que estavam a frente de todos esses trabalhos eram responsáveis a resolver todos os problemas que ocorressem em suas lavouras, engenhos e plantações, deveriam proteger suas plantações e todos que nela trabalhavam.

Segundo Priore (2016), outros documentos indicavam a presença de mulheres como filhas e viúvas de senhores de engenhos, lavradores ou roceiros. Muitas delas perseguidas pelo Santo Ofício da Inquisição, respondiam pelo crime de “judaísmo”. A autora relata sobre a aparência de documentos que indicam a presença de mulheres nos trabalhos da lavoura, grande parte dessas mulheres eram perseguidas pelo Santo Ofício ou Inquisição instituição formada por tribunais da igreja católica, respondiam pelo crime de Judaísmo.

Conforme a autora menciona as mulheres levavam uma vida pesada trabalhando na roça com os mesmos equipamentos que os homens, nos meses da fabricação do açúcar trabalhavam durante todo o dia revezando apenas de quatro em quatro horas. (PRIORE, 2016).

Já as roceiras plantavam cana com a ajuda ou não dos escravos do senhor ou da senhora de engenho. Tinham que zelar pelo canavial, limpando-o de duas a quatro vezes por ano, evitando que fosse abafado por ervas daninhas. Na época da colheita mandavam cortar a cana por sua gente e conduziam-na em carros de boi para a moenda (PRIORE, 2016, p.87).

Conforme a autora menciona as mulheres que eram consideradas roceiras, eram responsáveis pelo plantio da cana e pela limpeza, com a ajuda ou não dos escravos ou dos senhores de engenho, tendo que realizar entre duas a quatro limpezas no decorrer do ano, para evitar que o canavial fosse abafado por plantas que pudessem trazer algum dano à plantação, usavam filhos e parentes na época das plantações das colheitas.

Problemas não faltavam, senhoras de engenho tiveram que enfrentar tensões entre escravos e seus desafetos ou entre escravos e elas próprias. A elas cabia proteger agricultores, agregados e feitores que trabalhavam em suas terras ou com suas canas [...] (PRIORE, 2016, p.87).

Diante das ideias da autora pode-se observar os problemas e desafios que essas mulheres enfrentavam, eram responsáveis em proteger todos que trabalhavam em suas terras ou nos seus canaviais. Além de serem responsáveis em resolver problemas entre escravos e entre elas próprias, tinham que resolver as situações das brigas e violência que ocorriam.

Marcilio (1993), afirma a partir da revolução de 1930 com a urbanização e a revolução industrial ocorreram muitas mudanças na vida social das pessoas, que atingiram não só as famílias como principalmente a vida da mulher, o desenvolvimento da vida urbana enfraqueceu o modelo de família patriarcal originado da vida rural, a mulher passa a entrar no mercado de trabalho.

Para Marcilio (1993, p.101), “o desenvolvimento progressivo da vida urbana provocou o enfraquecimento do modelo de família patriarcal originário do mundo rural”. Com esse desenvolvimento da vida urbana houve mudanças nos comportamentos e nas mentalidades, a família patriarcal originária do mundo rural começa a enfraquecer, diminui também o sentido de dependência da mulher com relação ao seu marido.

Com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganha novas dimensões, não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas a virtude de se terem alterado profundamente os seus papéis no mundo econômico. O trabalho nas fábricas, nas lojas, nos escritórios rompeu o isolamento que vivia grande parte das mulheres, alterando a sua postura diante do mundo exterior. (MARCILIO, 1993, p.112).

De acordo com a autora supracitada, com o crescimento da urbanização e o desenvolvimento da industrialização a vida das mulheres passam a ter novas extensões, não pelo fato da mulher ter passado a desenvolver funções econômicas mais pelo fato de terem alterado fortemente seus papéis no mundo econômico, o trabalho fora de casa nas fabricas, nas lojas e escritórios rompeu o isolamento que viviam a maioria das mulheres mudando sua atitude em relação ao mundo externo.

Segundo Marcilio (1993), afirma com a residência nas cidades as mulheres tiveram condições mais adequadas para que pudessem tomar consciência dos seus direitos e deveres e também se empenhasse em defende-los com mais intensidade, a vida urbana proporcionou as mulheres condições e influências dos meios de comunicações sociais sobre a vida no lar, também passou a ofertar novas oportunidades de lazer. A partir de então passa a ser alterado o papel da mulher, a

mulher não fica apenas restrita ao lar e aos trabalhos da casa, começa a ingressar no mercado de trabalho, e aos poucos conquistando seu espaço, alguns tempos atrás eram educadas apenas para exercer o papel de donas-de-casa, esposas e mães, vivendo em função do seu marido.

1.4 PRINCIPAIS LUTAS E CONQUISTAS E MOVIMENTOS FEMINISTAS

Costa; Ribeiro (2013), frisa que não se pode negar que no Brasil, a igualdade de direitos entre os sexos, no que se concerne à educação e ao voto, e as primeiras conquistas são resultado das lutas feministas do final do século XIX e início do XX.

Marcilio (1993), afirma a década de 1920 foi marcada por diversas transformações na vida das famílias principalmente na vida das mulheres. Com o surgimento de inovações tecnológicas e o grande aceleração na industrialização, a vida doméstica das mulheres se viu invadida pela comunicação de massa.

Para Marcilio (1993, p.193), “A década de 1920 assiste, assim, a um grande desenvolvimento de organizações associativas de mulheres. Inicialmente os objetivos eram filantrópicos, os poucos se tornaram políticos, educacionais e de vários níveis”. Segundo o autor nesse período ocorreu um amplo aumento de organizações de associações de mulheres, no início seus objetivos eram humanitários, com o passar do tempo passou a ter outros objetivos, surgindo algumas formas de feminismo com o intuito de defender os direitos das mulheres à cidadania a educação entre vários outros.

Da exclusão “do direito a ter direito” dos textos contorcionais de 1824 e de 1891 ao Código Eleitoral de 1932, quando finalmente as mulheres tiveram formal e legalmente, reconhecimento pela União seu direito de votar e de serem votadas, um longo percurso foi traçado sempre tensionado e bastante nuançado com avanços e recuos.[...] (COSTA; RIBEIRO, 2013, p.219).

Segundo os autores, as mulheres saíram da exclusão e passaram a possuir direito ao voto, no ano de 1932 passou a ser reconhecido legalmente o direito de as mulheres votarem e serem votadas. A conquista desse direito foi resultado de insistentes mobilizações de movimentos feministas marcadas por avanços, porém com muitos recuos, entre conquistas recuos e fracassos foram fatores importantes para a construção da cidadania brasileira. Algumas mulheres representaram a construção da cidadania no Brasil são elas:

Celina Guimarães Viana, primeira eleitora do Brasil, votante em 1927; Alzira Soriano, primeira prefeita da América Latina, eleita em 1928; Antonieta de Barros, primeira deputada negra no Brasil, eleita em 1934; Carlota Pereira de Queiroz, primeira deputada federal da América Latina, eleita em 1933; Maria do céu Pereira Fernandes, primeira deputada estadual do Rio Grande do Norte, eleita em 1934; Elisa Branco ativista da campanha contra a carestia, da Federação de mulheres do estado de São Paulo em 1947 etc...(COSTA RIBEIRO, 2013, p.221).

De acordo com os autores essas mulheres representam a memória da protagonização das mulheres na construção da cidadania brasileira, são grandes nomes que fizeram parte da história da política da mulher, como a primeira eleitora votante no Brasil, primeira prefeita da América Latina, primeira deputada negra no Brasil entre outras.

Marcilio (1993), afirma que na década de 50 ocorreu uma das maiores descobertas em relação a alterações no comportamento sexual, foram os anticoncepcionais. No ano de 1953 surgiu uma pílula de progesterona, que se fosse ingerida diariamente fazia com que as mulheres ficassem imunes e não engravidassem, sua efetividade somente foi comprovada em 1956, em 1960 foi aprovada para ser comercializada nos Estados Unidos e rapidamente se espalhou em todo o mundo.

Em suas agendas sobressaíam ainda, entre os anos de 1960 e 1980, “as políticas do corpo “relativas as reivindicações em favor dos direitos de reprodução e às questões do corpo e da sexualidade, tais como: prazer, contracepção e aborto. Essas questões fomentavam elementos para se desmitificar, o amor materno e desnaturalizar a maternidade, ou seja, colocá-las no rol das escolhas, da opção e não da obrigatoriedade decorrente do pré-estabelecimento de uma “natureza feminina”. Além disso os movimentos feministas pautavam a violência sexual como um problema social, não mais restrito ao privado. “Dessa forma as feministas enfatizavam o caráter político das questões ligadas ao cotidiano e ao subjetivo” (SOIHET, 2007, p.419 apud COSTA; RIBEIRO, 2013, p.235).

O autor menciona sobre o surgimento na década de sessenta a oitenta das políticas do corpo, que tinham como objetivo reivindicar os direitos do corpo e da sexualidade, tratando das questões do aborto, prazer e métodos contraceptivos. Essas questões surgiram com o intuito de fazer com que as mulheres tivessem direito em fazer suas escolhas e não fossem obrigadas a nada, tendo o direito de escolher se queriam ou não a maternidade. Os movimentos feministas da época também discutiam o problema da violência sexual, para que fosse vista como um problema social e não apenas privado.

Nos anos 1980, quando ocorreu a fase de transição democrática, operou-se, no plano político e normativo, o resgate formal das liberdades civis e políticas consolidadas na nova constituição federal, promulgada em 1988. Essa década foi de fundamental importância para a organização, por todo o país, de movimento de mulheres que conseguiram não apenas espaço institucional no novo governo democrático, como o Conselho Nacional do Direito da Mulher, mas também, por meio de intensa ação política, o reconhecimento da plena cidadania. (BARSTED; PITANGY, 2011, p.62)

De acordo com o autor supracitado nos anos oitenta ocorreu a fase de transição democrática no plano político e normativo da época, ocasionando o resgate das liberdades civis e políticas que foram consolidadas na nova constituição proclamada, esse período foi de grande relevância para as organizações por todo o país, pelos movimentos de mulheres que além de conseguirem espaço no governo democrático obtiveram o reconhecimento da plena cidadania.

Barsterd; Pitangy (2011), afirmam que a constituição de 1988 abre profundamente e aprimora a proteção dos direitos políticos no Brasil, que significou um grande avanço na consolidação dos direitos e garantias fundamentais, demarcando a ruptura com o regime autoritário militar instalado em 1964, objetivando resgatar o estado de direito e a separação dos poderes, é a primeira constituição brasileira a iniciar com capítulos dedicados aos direitos e garantias, foi a carta que mais assegurou a participação popular em seu processo de elaboração.

Essa década foi bastante significativa para os movimentos feministas, para defender os direitos humanos, ao longo do período pré-1988, visando assegurar direitos e conquistas no âmbito constitucional, articularam a elaboração de uma carta denominada “Carta das Mulheres brasileiras aos Constituintes”, que contemplava as principais reivindicações de movimento de mulheres a partir de ampla discussão e debate nacional. Em razão dessa articulação do movimento, o resultado foi a inserção das reivindicações formuladas pelas mulheres no texto constitucional de 1988.

Barsted; Pitangy (2011, p.61) relatam que “o movimento feminista brasileiro foi um ato fundamental nesse processo de mudança legislativa e social, denunciando desigualdades propondo políticas públicas atuando junto ao poder legislativo e na interpretação da lei”, isso significa que esse movimento representa a constante luta na sociedade brasileira, para que melhorias aconteçam, lutando sempre em defesa da igualdade de direitos entre mulheres e homens e defendendo todas as formas de discriminação.

Na experiência brasileira, há de se observar que os avanços obtidos no plano internacional foram e tem sido capaz de impulsionar transformações internas. Neste sentido, cabe destaque ao impacto e a influência de documentos como a convenção sobre a Eliminação da Discriminação contra a mulher de 1979, a Declaração e o Programa de Ação da Conferência Mundial de Direitos Humanos de Viena de 1993, o Plano de Ação da Conferência Mundial sobre População e Desenvolvimento do Cairo de 1994, a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a violência contra a mulher de 1994 e a Declaração e a Plataforma de Ação da Conferência mundial sobre a Mulher de Pequim de 1995 [...] (BARSTED; PITANGY, 2011, p.64)

De acordo com as ideias das autoras supracitadas, os avanços obtidos pelo plano internacional foram capazes de estimular grandes transformações, cabe destaque alguns documentos ressaltando o direito das mulheres, como; a Convenção em relação a eliminação da Discriminação contra a mulher, Declaração e o Programa de Ação, e conferencia Mundial de Direitos Humanos de Viena, Plano de Ação da Conferencia Mundial entre outros.

Barsted; Pitangy (2011), mencionam que a convenção sobre a eliminação de todas as formas de Discriminação Contra a Mulher, foi resultado de muitas reivindicações do movimentos feministas, foi ratificado por 186 estados incluindo o Brasil, foi a que mais recebeu reservas por parte dos estados especialmente no que diz respeito à igualdade entre homens e mulheres, tem como objetivo primordial a obrigação de eliminar a discriminação e de assegurar a igualdade. Já a Declaração de Direitos Humanos de Viena de 1993, afirma em seu parágrafo 18:

Que os direitos humanos das mulheres e das meninas são partes inalienável, integral e indivisível dos direitos humanos universais, o mesmo também confere visibilidade aos direitos humanos das meninas e das mulheres em relação ao reconhecimento de identidades, as mulheres devem ser vistas de acordo com suas especialidades e peculiaridades de sua condição social, o direito a diferença implica o direito ao reconhecimento de identidades próprias (BARSTED; PITANGY, 2011, p.66).

De acordo com as ideias do autor supracitados no parágrafo dezoito da Declaração dos Direitos Humanos, os direitos das mulheres e meninas são partes inalienáveis, ou seja, são direitos que não se podem ser negados por ninguém, nenhuma pessoa ou autoridade tem competência para negar esses tipos de direito, uma vez que fazem parte da essência de cada pessoa, o mesmo permite que as meninas e mulheres possam ser vistas de acordo com suas identidades e peculiaridades.

Diante das informações descritas pode-se observar nessas três últimas décadas já mencionadas que o movimento internacional de proteção dos direitos humanos focou em três questões, a discriminação, a violência contra a mulher e seus direitos sexuais e reprodutivos. Assis; Santos (2016), afirmam um movimento bastante significativo na história das mulheres, foi a Marcha das Margaridas, surgiu no ano de 2000 como uma ação em adesão a Marcha Mundial das Mulheres ocorrem de quatro em quatro anos se configura como a maior e mais efetiva manifestação pública de mulheres trabalhadoras no Brasil.

A marcha das Margaridas se construiu, portanto, como um movimento de caráter feminista amplamente articulado com o propósito maior de transformação do sistema capitalista, patriarcal e machista, reprodutor da opressão discriminação e violência contra as mulheres. Ao caráter político feminista ela agregou uma forte dimensão simbólica. Uma dessas simbologias, é a principal, e a representadora pela figura de Margarida Maria Alves. O nome que adjetiva a marcha é uma homenagem a essa mulher (ASSIS; SANTOS, 2016, p.113).

Segundo o autor a Marcha das Margaridas foi um movimento pelo sonho de uma vida melhor, reivindicando os direitos das mulheres e rompendo com o sistema que estava instalado na época. Margarida Alves simboliza todas as mulheres foi um exemplo de mulher, presidente dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, foi líder sindical incentivava os trabalhadores e trabalhadoras rurais a lutarem pelos seus direitos, Margarida foi muito perseguida por causa de suas lutas, construiu uma trajetória marcada pela luta contra a injustiça social e o analfabetismo.

De acordo com todas as informações contidas neste capítulo pode-se observar que toda a trajetória da vida das mulheres desde o princípio foi marcada por muitas lutas, muitos movimentos e muitas conquistas ao longo da história, atualmente as mulheres estão inseridas em todas as áreas, possuem vários direitos adquiridos e a luta continua em busca de novas conquistas.

2. A INSERÇÃO DA MULHER NA EDUCAÇÃO

2.1 HISTÓRIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO NO MUNDO

A história resulta da necessidade de reconstruir o passado, descrevendo os acontecimentos que transcorreram da ação transformadora dos indivíduos no tempo, por meio da construção dos fatos considerados importantes. A preservação da memória não é igual existindo diferenças conforme cada cultura, a história da educação constrói interpretações sobre as maneiras pelas quais os povos transmitem cultura, criam as instituições escolares e as teorias que orientam.

Aranha (2006), afirma que nas comunidades tribais a educação era difusa, a organização das tribos era de maneira homogênea sem a dominação de um segmento sobre o outro, as atividades das mulheres adquiriam um caráter social, por não se restringirem ao mundo doméstico. No que diz respeito a educação, as crianças aprendiam para a vida e por meio da vida, sem que ninguém estivesse proposto a tarefa de ensinar, através desta educação difusa, onde todos tinham o direito de participar, a criança se aperfeiçoava e tomava conhecimento de todas as coisas, a formação se dava de forma universal e integral, universal por que todos tinham acesso, e integral abrangendo todo o saber da tribo.

Com o surgimento das cidades e o desenvolvimento da produção e da comercialização, mudaram as relações humanas e o modo de vida da sociedade, à medida que essas atividades passaram a ser mais complexas surgiu a necessidade da escrita para a administração dos negócios. (ARANHA, 2006)

Com o tempo, enquanto nas tribos a organização era homogênea, indivisa, foram criadas hierarquias devido a privilégios de classe, e no trabalho apareceram formas de servidão e escravidão; as terras de uso comum passaram a ser administradas pelo estado, instituição criada para legitimar o novo regime de propriedade; a mulher que na tribo desempenhava destacado papel social ficou restrita ao lar, submetida ao rigoroso controle da fidelidade (ARANHA, 2006, p.36).

Conforme a autora menciona antes a educação era para todos não existia distinção entre homens e mulheres todos tinham os mesmos direitos, a mulher exercia papel social e podia executar papéis semelhantes aos homens, porém com o tempo com o surgimento do novo regime, a mulher perde seus direitos e passa a ficar limitada aos afazeres do lar e submetida a fidelidade, o saber antes aberto a todos, passa a

ser privilégio da classe dominante, surgindo a necessidade de escola para que apenas alguns tivessem conhecimentos.

Segundo Aranha (2006), afirma que nos primeiros tempos na Grécia Antiga, antes do aparecimento da escrita a educação era ministrada pela própria família de acordo com as tradições religiosas, com a constituição da aristocracia dos senhores de terras e formação guerreira, os jovens de elite eram confinados a preceptores. Somente com o aparecimento das pólis, apareceram as primeiras escolas, porém essas escolas beneficiavam somente os jovens da antiga nobreza ou a família de comerciantes.

A educação não era um sistema desenvolvido nem rigidamente definido, porém em geral, as mulheres eram educadas no gineceu, na companhia da mãe. Os rapazes entre os 7 aos 14 anos eram ensinados na ginástica e na música e no final do século V a.c surge o professor de “grammatistes” para ensinar as crianças a ler e a escrever. (BARBOSA, 2012, p.2).

De acordo com as ideias do autor se pode observar que o ensino não era obrigatório e nem desenvolvido, as mulheres eram ensinadas no gineceu, local da casa onde as mulheres se dedicavam aos afazeres domésticos menos importantes em um mundo essencialmente masculino, os meninos se desligavam das autoridades das mães para iniciar a alfabetização e a educação física e musical.

Para Aranha (2006), em relação a educação na Antiguidade romana, podem ser separadas em três fases a educação romana. A primeira fase seria a educação latino original, de natureza patriarcal onde os pais eram responsáveis pela educação dos filhos, a segunda fase era a influência do helenismo, que era muito criticada por aqueles que defendiam a tradição e pôr fim a composição entre a cultura romana e a helenística, a fusão dessas culturas faziam com que as crianças desde cedo fossem bilíngues aprendiam tanto latim como grego.

Até os sete anos, as crianças permaneciam sob os cuidados da mãe ou de outra matrona “mulher respeitável”. Depois dessa idade, as meninas aprendiam no lar os serviços domésticos, enquanto o pai se encarregava pessoalmente da educação do filho. O menino o acompanhava as festas e aos acontecimentos mais importantes, ouvia o relato das histórias dos heróis e dos antepassados, decorava a Lei das Doze Tabuas, desenvolvendo desse modo a sua consciência histórica e o patriotismo. (ARANHA, 2006, p.86).

Conforme a autora menciona as crianças permaneciam sobre os cuidados das mães ou matronas até seus sete anos de idade, a partir dessa idade as mulheres aprendiam no lar os serviços domésticos, se pode observar que não tinham direitos a estudarem ficavam restritas aos trabalhos domésticos. Já os meninos eram ensinados pelo pai, acompanhando em todos os eventos e acontecimentos importantes, tinham a oportunidade de ouvir relatos de histórias dos antepassados e decoravam a Lei das Dozes Tabuas ampliando a consciência sobre fatos históricos e patriotismo. Como viviam em uma sociedade agrícola aprendiam a cuidar da terra, ler, escrever e contar, também desenvolviam habilidades no manejo das armas, natação e na luta.

Aranha (2006), afirma que na Idade Média as mulheres não tinham direito a uma educação formal, as mulheres pobres trabalhavam duramente ao lado dos seus esposos e permaneciam analfabetas, as mulheres nobres só aprendiam alguma coisa quando recebiam algo no seu castelo, estudavam músicas, religião, além de aprenderem os trabalhos manuais femininos. Observa-se que nesse período as mulheres quase não tinham acesso à educação e quando recebiam algumas instruções eram para serviços considerados submissos aos homens.

“As meninas de outros segmentos sociais, como os da burguesia, começaram a ter acesso à educação apenas quando surgiram as escolas seculares, por ocasião da emancipação das cidades-livres” (ARANHA,2006 p.111). Como a autora menciona as mulheres de classes sociais pobres só passaram a possuir acesso à educação com o surgimento das escolas seculares.

2.2 HISTÓRIA DA MULHER NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Durante muito tempo a educação no Brasil era permitida somente a homens, a história da educação da mulher brasileira, assim como em algumas partes do mundo é marcada pela ordem familiar patriarcal, desde pequena as meninas eram ensinadas a ser esposas e mães, sua educação resumia em aprender tarefas domésticas.

Para Melnikoff; Melnikoff (2014), nesta época no Brasil não existia a vida urbana para as mulheres seu aparecimento em espaços públicos só acontecia em ocasiões especiais e ligadas as atividades da igreja como missa e procissão, configurando assim a única forma de lazer das moças.

Nesse sentido o sistema patriarcal legitimado pela igreja por longo tempo, foi responsável pelas práticas que restringiam ao papel da mulher ao espaço público

beneficiando o exercício do poder ao sexo masculino, nesse contexto o papel das mulheres deveria estar relacionado a mulher mãe e detentora dos valores morais.

Geraldo Filho (2004), afirma que pela constituição do dia vinte e cinco de março de 1824, a instrução primária passou a ser gratuita, fez previsões para serem criadas no país colégios e universidades concentrando a administração do ensino sob responsabilidade do governo central e instituiu o ensino da religião católica como parte obrigatória dos currículos e programas.

Quanto a educação das meninas apesar de constar nas leis quase nada existia. A população feminina ficava marginalizada no sistema escolar. A elite promovia uma educação as suas filhas, relacionada com os afazeres domésticos e nas camadas populares somente existia a educação informal familiar; orientações passavam de mães para filhas (FRANCISCO FILHO, 2004, p.57).

Segundo o autor por mais que já estivesse presente nas leis o acesso gratuito à educação de meninas, elas não tinham acesso ficando marginalizada no sistema escolar, as filhas da elite recebiam uma educação pautada nos afazeres domésticos, já as filhas das classes populares pobres recebiam apenas a educação informal passada de mães para filhas.

Francisco Filho (2004), afirma que durante o Período Imperial, ocorreu uma grande expansão do Ensino Superior e das instituições religiosas preparando os filhos da elite para o ensino superior, com a proclamação da República em 1822 foi dada ênfase ao curso superior, nesse período criaram cursos jurídicos em São Paulo e Olinda.

As Escolas Normais para formação de professores se iniciaram no Período Regencial (1831-1840) e sabemos que em 1860 eram seis, localizadas nos maiores centros. Em São Paulo foi inaugurada em 1894 a Escola Normal Caetano de Campos, frequentada, principalmente, pelas filhas da elite, meninas que não tinham acesso ao conhecimento organizado, nos anos anteriores. Era um certo controle ideológico feito pela elite e as escolas normais corroboraram no sentido de manter os privilégios dos “machos”. Surge a ideia da professorinha, da tia, e até as músicas da época passaram a enfatizar esse acontecimento. No entanto foi o primeiro passo dado pelas meninas, procurando ocupar espaços na sociedade. Foi o possível para aquele momento que chegava a ser encarado pelos homens de maneira pejorativa (FRANCISCO FILHO, 2004, p.60).

O autor menciona que as escolas para formação de professores tiveram início no Período Regencial de início eram apenas seis nos grandes centros, com o passar do tempo foi implantada a escola Caetano de Campos localizada em São Paulo, a

qual era frequentada pelas filhas da elite meninas que antes não tinha acesso ao conhecimento, nesse período ocorria um certo controle realizado pela elite no sentido de manter os privilégios dos homens. Foi um período marcado pelo surgimento da ideia da “professorinha e da tia”, onde muitas músicas na época tratavam da temática, foi um dos primeiros avanços dado pelas mulheres com o intuito de ocupar espaços na sociedade sendo encarado pelos homens na época como se fosse algo errado.

Francisco Filho (2004), afirma que com a expansão das escolas normais no ano de 1881, o Império criou a Escola Normal Oficial, porém os salários das professorinhas eram baixíssimos, com péssimas condições de trabalho não existia qualidade na educação por este motivo muitas escolas acabaram fechando, as que permaneciam fechando tinha nível baixo, não trabalhavam de acordo com a realidade.

“O descaso pelo preparo do mestre fazia sentido em uma sociedade não comprometida em priorizar a educação elementar” (ARANHA 2006, p.227). A autora menciona sobre a falta de comprometimento da sociedade com a educação nessa época isso ocasionava a falta de preparo dos mestres.

Geralmente as escolas normais ofereciam dois a três anos de cursos, muitas vezes de nível inferior ao secundário. Para ingressar bastava saber ler e escrever, ser brasileiro, ter 18 anos de idade e bons costumes. De início, atendiam apenas rapazes: a primeira escola normal de São Paulo, são trinta anos depois de fundada, passou a oferecer uma seção para mulheres, e, com o tempo, a clientela tornou-se predominantemente feminina (ARANHA, 2006, p.228).

A autora fala em relação ao tempo de duração dos cursos nas escolas normais, para entrar precisava apenas ser brasileiro saber ler e escrever ter bons costumes, antes atendiam apenas homens trinta anos após a fundação a educação passou a ser ofertada para mulheres, com o passar dos anos a clientela passou a ser a maioria feminina.

Essa feminização deveu-se em parte a lenta entrada da mulher na esfera pública, e porque a profissão do magistério era uma das poucas que permitiam conciliar com as obrigações domésticas. Além disso, constituía uma atividade socialmente aceita, por se pensar que estava ligada à experiência maternal das mulheres - novo o aspecto artesanal da educação -, e por fim, mais não por último, tratava-se de um ofício cuja a baixa remuneração era aceita mais resignadamente por elas (ARANHA, 2006, p.228).

Segundo a autora a grande concentração de mulheres na docência ocorreu pelo fato de as mulheres terem ficado de fora da educação por muito tempo, além disso era uma das únicas profissões que poderiam conciliar com os afazeres domésticos sendo aceita pela sociedade por acharem que a profissão do magistério estava ligada as experiências que as mulheres já possuíam sendo mães, vale ressaltar que a remuneração era baixa sendo mais aceita pelas mulheres.

Aranha (2006), afirma que a educação feminina esperou a fase pré-republicana, para começar a despertar maiores interesses, período que começou a surgir ideias inovadoras falando em coeducação, ou seja passaria a ofertar as mulheres os estudos antes reservados apenas aos homens.

2.3 MULHER, EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO

São muitas as desigualdades existentes no Brasil em relação ao gênero, antes as mulheres não tinham direito de ingressar no mercado de trabalho esse papel era restrito apenas aos homens, nas últimas décadas essa realidade começou a mudar a inserção da mulher no mercado de trabalho está cada vez mais crescente.

Marcilio (1993), afirma que com a revolução de 1930 ocorreu o desenvolvimento industrial no país, com isso houve um aceleração na urbanização, com a urbanização e a industrialização a vida das mulheres começam a mudar passando a ingressar no mercado de trabalho, as fábricas exigiam mãos de obras.

Baylão; Schettino (2014), relatam que com a Revolução Industrial, muitas mulheres passaram a trabalhar em fabricas, ocorreu a exploração de mão-de-obra, o tempo era controlado pelos donos da indústria e não pelos artesãos, o trabalho das mulheres eram de grande relevância, pois diminua os esforços e os gastos com salários, as mulheres recebiam salários baixíssimos e eram exploradas.

Estudos sobre o trabalho feminino mostraram que este contingente de mulheres que tem ingressado no mercado de trabalho brasileiro é formado sobretudo por representantes das camadas medias e escolarizadas da população. Este novo padrão de comportamento feminino, que vem sendo forjado desde os anos 70, poderia ser explicado por uma combinação de fatores culturais, demográficos e econômicos. Do ponto de vista da demanda do mercado, da expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização configuraram, nos anos setenta um momento de grande crescimento econômico, favorável a incorporação de novos trabalhadores, inclusive o sexo feminino (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2016, p.483).

Conforme o autor menciona, estudos sobre o trabalho feminino revelam que a grande quantidade de mulheres que tem entrado no mercado de trabalho é representada por pessoas de classes medias e por pessoas que tem escolarização. Esse novo padrão do comportamento feminino pode ser explicado por fatores culturais, demográficos ou econômicos, já na visão do mercado pode ser explicado através do crescimento da urbanização e do grande aceleração das industrializações ocasionando um grande crescimento econômico surgindo a necessidade de novos trabalhadores inclusive mulheres.

Do ponto de vista da oferta de trabalhadoras, profundas transformações nos padrões de comportamentos e valores relativos ao papel social das mulheres, intensificado pelo impacto dos movimentos feministas desde os anos setenta e pela presença feminina cada vez mais atuante nos espaços públicos, constituíram mecanismos facilitadores, alterando a formação da atividade feminina, cada vez mais voltada para o trabalho produtivo (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2016, p.484).

O autor frisa que em relação à grande oferta para trabalhadoras, muitas transformações ocorreram em relação aos padrões de comportamentos e valores das mulheres em razão dos movimentos feministas da época, esses fatores ocasionaram cada vez mais a participação das mulheres nos espaços públicos, facilitando e modificando a formação das atividades femininas voltada cada vez mais para o trabalho.

Bruschini; Lombardi (2016), afirma a extensão da escolaridade e o acesso das mulheres as universidades foram de grande relevância para o processo de transformações que ocorreram no país. Outro marco que também desempenhou papel importante na ampliação da atividade feminina foi a adoção de práticas anticonceptivas no final dos anos sessenta, as mulheres mais instruídas de nível econômico mais elevado passaram a ter menos filhos e com isso passaram a ter mais tempo para o trabalho.

Por um outro lado a manutenção de um modelo de família segundo a qual cabe as mulheres as responsabilidades domesticas e socializadoras, bem como a persistência de uma identidade construída em torno do mundo doméstico, condicionam a participação da mulher no mercado de trabalho a outros fatores além daqueles que se referem a sua qualificação e a oferta de emprego, como no caso dos homens. A constante necessidade de articular papeis familiares e profissionais limita a disponibilidade delas para o trabalho, pois esta depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares [...] (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2016, p.485).

De acordo com os autores supracitados as mulheres não dependem apenas de escolarização, qualificações e oportunidades no mercado de trabalho existem alguns fatores que influenciam na entrada ou permanência no mercado de trabalho, muitas mulheres tem que cuidar da vida doméstica, casa, filhos e esposos, ao contrário dos homens.

A constante necessidade em associar família com o mercado de trabalho acaba limitando muitas mulheres de ingressarem no mercado de trabalho, além disso o estado conjugal no qual se encontra, o aparecimento de filhos relacionados a idade, as características e a estrutura que se encontra a família são situações que estão sempre presentes e interferem na decisão das mulheres para ingressarem e permanecerem no mercado de trabalho.

Baylão; Schettino (2014 p.6) “Mesmo com todo o esforço feminino ainda há muito preconceito, o que atrapalha a ascensão profissional e um salário mais digno”, diante de todos os esforços que as mulheres enfrentam ainda existe muito preconceito em relação a presença feminina no mercado de trabalho ocasionando a deficiência da elevação profissional e a falta de um salário digno.

Ao procurar o mercado de trabalho as mulheres enfrentam inúmeros mecanismos discriminatórios, que expressam por exemplo, por um leque mais estreito de oportunidades, barreiras no acesso a cargos de comando e chefia, desigualdades salariais em relação aos colegas. Contudo apesar das dificuldades encontradas, elas ingressam na atividade produtiva e nela permanece cada vez mais. (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2016, p.486)

Segundo o autor as mulheres enfrentam muitas dificuldades e discriminações ao procurar o mercado de trabalho, ainda existe muitas barreiras e poucas oportunidades em relação ao acesso de mulheres à alguns cargos.

Vale ressaltar que ainda são muitas as desigualdades salariais existentes entre o sexo masculino e feminino, porém apesar de tudo as mulheres vão em frente enfrentando todos os desafios e dificuldades, ingressam na atividade produtiva e sua permanência vem aumentando cada vez mais.

2.4 EDUCAÇÃO: UM INVESTIMENTO DE MULHERES

A história do reconhecimento do valor das mulheres no Brasil é recente e continua sendo escrita, antes as mulheres não tinham direito a educação pois não

existiam escolas para elas, aprendiam em casa a partir dos ensinamentos da família atualmente essa realidade mudou e continua mudando.

Contemporaneamente, as mulheres são maioria no ensino superior e médio no Brasil e em quase metade dos países do ocidente. Obtêm melhores notas que os homens em geral, repetem menos de ano, tendem a ter desempenho excepcional em língua e interpretação de textos e já invadem redutos considerados domínios tradicionais do sexo masculino, como a matemática e as ciências, segundo Relatório sobre o desenvolvimento, Mundial de 2010 (RIBEIRO; COSTA, 2013, p.223).

De acordo com a ideia dos autores, atualmente as mulheres investem em educação mais do que os homens, já são maioria no Ensino Superior e Ensino Médio no continente brasileiro e em quase metade dos países do Ocidente, apresentam melhores desempenhos em línguas e interpretações de textos, já dominam áreas que antes eram consideradas domínio do sexo masculino, como matemática e ciência.

Segundo a ONU Mulheres (2016 p.67), “A significativa crescente participação formal das mulheres no mercado de trabalho do Brasil também se alicerça numa maior escolarização geral de sua população”. Conforme mencionado com a grande demanda da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro acarretou em uma máxima escolarização da população feminina, ou seja, o trabalho acabou fazendo com que as mulheres buscassem por melhores qualificações.

Nos últimos dez anos, o nível de educação tanto dos homens como das mulheres brasileiras cresceu significativamente. De forma geral, houve aumento no total de anos de estudo e na inserção de jovens no ensino superior, com destaque para as mulheres que tiveram maior crescimento em ambos os casos. Entre 2004 e 2014, as mulheres e homens aumentaram de 6,8 e 6,5 anos de estudos para 8 e 7,5 anos, respectivamente. No ensino superior, as mulheres estão mais presentes, com 63,3% de jovens entre 18 e 24 matriculadas, os homens são 53,2% (PNAD 2004 e 2014). No Brasil, atualmente, a educação é acessível para mulheres e homens, mas é importante notar que existem nichos específicos ocupados majoritariamente por mulheres que refletem em sua colocação profissional do futuro. As políticas públicas, dos últimos anos, têm produzidos resultados para alterar essas tendências (ONU MULHERES, 2006, p.67).

O autor menciona sobre o crescente nível da educação tanto dos homens como das mulheres, ocorrendo um grande aumento nos anos de estudo como na entrada de jovens no Ensino Superior, com ênfase para as mulheres que tiveram maiores percentuais.

Atualmente a educação brasileira é acessível para todos, antes as mulheres não tinham direito a educação, esse direito era restrito apenas aos homens, porém

podemos observar que ainda existem alguns lugares específicos ocupados, sendo a maioria mulheres, refletindo assim na atuação profissional do futuro, as políticas públicas vêm produzindo resultados para mudar essa tendência.

Os cursos mais procurados pelos homens são relativos a engenharia, tecnologia, indústria e computação; pelas mulheres, são relativos a serviços e educação para a saúde e para a sociedade (secretariado, psicologia, nutrição, enfermagem, serviço social, pedagogia). Essa tendência se mantém nos mestrados, doutorados e na própria docência do ensino superior (RISTOFF, 2006, p.2).

De acordo com as ideias do autor supracitado se pode observar que ainda existem algumas áreas da educação que são predominantemente masculinas. Já as mulheres a predominância são em cursos para a saúde e para a educação, essa tendência se sustenta tanto no ensino superior como em mestrados e doutorados.

Ristoff (2006), afirma que por um lado os números permitem dizer que na educação, as barreiras existentes entre os sexos vêm sendo rompida rapidamente, existindo igualdade de oportunidades para todos, porém as preferências por certas áreas tanto por homens como por mulheres, precisam ser analisadas com mais profundidade para identificar o porquê esse fenômeno acontece e quais são suas relações com o gênero.

Sem dúvida existem diferenças expressivas entre a escolaridade das mulheres e dos homens brasileiros. Durante cerca de 450 anos, o trato de gênero na educação brasileira favoreceu os homens. Mas, na segunda metade do século XX, houve uma reversão do trato de gênero e as mulheres ultrapassaram seus congêneres masculinos em termos de anos médios de escolaridade (BELTRÃO; ALVES, 2009, p.153 apud BARSTED; PITANGURY, 2011, p.402).

Segundo o autor existem muitas diferenças em relação a escolaridade masculina e feminina, historicamente a educação brasileira favoreceu principalmente os homens, a partir da segunda metade do século vinte houve uma grande mudança em relação ao gênero, as mulheres tiveram acesso à educação e ultrapassaram os homens em termos de escolaridade.

Criado em 2005, o programa Universidade Para Todos – PROUNI, do Ministério da Educação, ampliou significativamente o acesso à educação superior: somava um total 1.477.225 matrículas até 2014. Dessas, 53% são de mulheres. (ONU MULHERES, 2006 P.65).

De acordo com o autor supracitado a partir da criação do Programa Universidade Para Todos-PROUNI, aumentou e facilitou o acesso das pessoas à educação superior, sendo a maioria mulheres, pode-se observar que as políticas públicas vêm trabalhando para que ocorra direito de igualdade facilitando assim o direito a educação para todos.

E as mulheres são ainda a maioria na busca por financiamento público para o ensino superior (Programa FIES): em 2013, 817.081 matrículas do ensino privado receberam financiamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, há um total acumulado de 1,9 milhão de estudantes, mulheres e homens, beneficiados pelo programa. Em tempos mais recentes, as matrículas na educação profissional técnica de nível médio também confirmam a prevalência de mulheres: são 54% das matrículas em 2014 (Censo da Educação Básica 2014) xix. Também nas diferentes etapas da Educação Básica, os avanços são destacáveis. Houve um aumento no percentual das mulheres ocupadas com o nível médio completo, passando de 16,3%, em 2004, para 26,8% em 2014 (PNAD 2004 – 2014) (ONU Mulheres, 2006, p.67).

O autor menciona sobre a crescente participação da mulher na educação, de acordo com o programa financiamento público para todos-FIES, as mulheres apresentam maioria na busca por financiamentos. Já são maioria na educação profissional técnica, prevalecendo também a presença das mulheres na educação básica e no ensino médio.

Ristoff (2006), afirma que a maior presença das mulheres tanto na educação básica como no ensino superior, mostram que no Brasil a população está se tornando tradicionalmente mais educada, mais e mais se terão mulheres altamente qualificadas, ocupando posições de liderança em todas as áreas de conhecimento contribuindo para a consolidação de um país soberano, avançado e democrático.

ONU Mulheres (2016), afirmam que as mulheres foram protagonistas na luta por mais educação, maior qualificação, enfrentando os desafios e rompendo as barreiras. Isso resultou em significativos avanços na efetivação dos direitos.

Diante de todos esses dados pode-se observar que atualmente as mulheres vêm se destacando na educação, na associação entre escolaridade, na participação no mundo do trabalho e sua trajetória profissional é bastante significativa.

3. TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CONCLUSÃO DO ENSINO SUPERIOR: OLHARES DE ACADÊMICAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAI, ITAITUBA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA PESQUISADA

Em 2002, a família Sá Almeida criou o Centro de Estudos Superiores de Itaituba, para exercer atividades no ensino do terceiro grau com a criação da FAI – Faculdade de Itaituba, que obteve aprovação pelo MEC dos Cursos de Administração, História, Letras e Pedagogia, autorizado o funcionamento dos referidos cursos no segundo semestre de 2003. Os cursos de licenciatura instituídos promoveram a qualificação de centenas de professores da educação básica em Itaituba, tendo em vista que estes buscavam formação fora da sede para se manterem atuantes dentro das exigências do mercado de trabalho e do Ministério de Educação.

A Faculdade de Itaituba é fruto de uma reunião de educadores, conjunto de professores que acumulam um expressivo e reconhecido trabalho realizado em prol da Educação em outros estados, principalmente do Paraná e outros docentes da comunidade e da região, com experiência no campo da Educação Superior. Tem como diretor Geral o Prof. MBA Abel Huyapuam de Sá Almeida e Vice-Diretor, Huyrajá de Sá Almeida. A FAI consagra-se como uma instituição de referência no ensino superior no Pará. Não só na opinião dos alunos, mas também na dos principais formadores de opinião do setor.

A Faculdade de Itaituba, tem profissionais modelo que trabalham com o ramo da educação, graças aos coordenadores, professores e funcionários, os quais são preparados continuamente para atingir um alto índice de qualidade na preparação de seus serviços. Gerando empregos diretos e indiretos com um quadro efetivo de 104 funcionários; 53 salas de aula, 02 laboratórios de informática, biblioteca física e virtual, auditório com capacidade para 160 pessoas, área de alimentação, área coberta para eventos.

Assim, a instituição caracteriza-se, desde sua implantação, por oferecer uma educação de qualidade, que ratificasse o seu nome, preocupando-se constantemente com a formação do profissional que venha atender as contínuas necessidades que se apresentam na realidade regional e, além de oferecer alternativas de qualidade para

o desenvolvimento profissional, por meio de uma educação intelectual sólida e comprometida socialmente.

A FAI tem como propósito oferecer aos seus alunos um ensino de excelência e qualidade, capaz de desenvolvê-los em sua totalidade, como cidadãos, acadêmicos e como profissionais capazes de atuar com eficiência e afetividade na sociedade. Essa formação será desenvolvida, através de atividades que possibilitam o exercício criativo e inovador, a capacidade e o juízo crítico, a honestidade de princípios, a retidão de caráter e a responsabilidade social.

Objetivo geral da Instituição, Faculdade de Itaituba é promover a excelência nas áreas dos cursos que ministra, por meio do ensino, pesquisa e da extensão, visando à formação e a qualificação para o exercício de atividades culturais, técnicas e científicas, exigidas pela realidade regional e nacional, atendendo expectativas da comunidade e contribuindo, especialmente, para o desenvolvimento sustentável da região, reafirmando o compromisso assumido da instituição com a sociedade e o meio ambiente.

A Faculdade de Itaituba completou dia 15 de setembro seus 16 anos de parceria junto à sociedade Itaitubense e região, formando de 2007 até 2019, 2.250 profissionais bacharéis e licenciados de seis cursos: Administração, Ciências Contábeis, Enfermagem, História, Letras e Pedagogia. Atualmente, a FAI tem 12 cursos, com 1.300 acadêmicos matriculados. Além dos seis acima citados, tem também autorizados os Cursos de Ciências Biológicas, Direito, Estética e Cosmética Farmácia, Fisioterapia e Engenharia Civil.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção serão apresentados os procedimentos a serem utilizados no desenvolver do trabalho aqui apresentado, de acordo com a visão dos teóricos escolhidos. Esse estudo é bibliográfico, uma vez que se apoia em outros autores que exaltam da temática em estudo, é o tipo de pesquisa que mais se utiliza entre os pesquisadores, por ter como fonte quase que exclusivamente os livros e a biblioteca.

Segundo Leite (2008, p.68) “pesquisa bibliográfica é a pesquisa cujos dados e informações são coletadas em obras já existentes e servem de base para a análise e a interpretação dos mesmos formando um novo trabalho científico”. Nesse sentido para o referencial teórico deste estudo foram explorados livros, artigos e revistas de

cunhos científicos. A realização da pesquisa bibliográfica é fundamental para conhecer e analisar as principais contribuições teóricas sobre um determinado tema ou assunto.

De acordo com Gil (2008, p.72) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”, ou seja através da pesquisa bibliográfica o pesquisador pode ir além de pequenos fatos, pesquisando todos os dados dispersos pelo espaço e fatos históricos em relação a sua pesquisa.

Um dos primeiros procedimentos adotados em uma pesquisa bibliográfica, ou em qualquer outro tipo de pesquisa, consiste na formulação do problema que se quer investigar. Gil (2008) firma, a escolha de um assunto capaz de conduzir a uma pesquisa bibliográfica digna requer que se considerem alguns critérios tais como:

a) O assunto deve ser de interesse do pesquisador; b) O assunto deve apresentar relevância teórica e prática; c) O assunto deve ser adequado a qualificação do pesquisador; d) Deve haver material bibliográfico suficiente e disponível; e) O pesquisador deve dispor de tempo e outras condições de trabalho necessárias ao desenvolvimento da pesquisa (GIL,2008, p.72).

Identifica-se também esse estudo com a pesquisa descritiva, visto que fará uma análise a fim de melhor compreender o fenômeno em estudo. De acordo com Gil (2010) as pesquisas descritivas têm como objetivo a descrição de características de determinadas população. Podem ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variável, procurando conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas, descrevendo com exatidão os fatos e os fenômenos de determinada realidade.

Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que tem por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc. (GIL,2008, p.28).

Esse estudo também requer uma abordagem qualitativa, a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Conforme Godoy (1995, p.62), “os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e análise do mundo empírico em seu ambiente natural”. Nesse sentido o principal objetivo da pesquisa qualitativa é o de conhecer as percepções dos sujeitos pesquisados acerca da situação problema,

objeto da investigação.

“A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações” (LAKATOS; MARCONI,2010 p.189)

Nesse tipo de abordagem, é importante levar em consideração o aspecto da subjetividade, que está centrada no olhar do sujeito, exigindo deste certo distanciamento crítico, como uma maneira de garantir confiabilidade nos resultados apresentados.

Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos videoteipes e gravadores ou, simplesmente fazendo anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte (GODY,1995, p.62).

De acordo com as ideias do autor supracitado, na abordagem qualitativa valoriza o contato direto da pessoa que está pesquisando com o ambiente que está sendo pesquisado, nesse tipo de pesquisa os dados são coletados através de gravações, vídeos ou através de anotações realizadas em tempo real no qual ocorre os fatos.

Para Gody (1995, p.62) “os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes”, ou seja, de acordo com as opiniões das pessoas que estão sendo pesquisadas os investigadores procuram entender as mudanças que estão acontecendo.

Considerando todos os pontos de vista como importantes, este tipo de pesquisa ilumina, esclarece o dinamismo interno das situações, frequentemente invisíveis para observadores externos. Deve ser assegurado, no entanto, a precisão com que o investigador captou a ponto de vista dos participantes, testando-o junto aos próprios informantes ou confrontando sua percepção com a de outros pesquisadores. (GODY,1995, p.62)

A pesquisa nesta monografia também requer um trabalho de campo, cujas técnicas empregadas consistem nas coletas de dado referente a trajetórias de mulheres na conclusão do ensino superior, através de informações extraídas de fontes humanas, tais como entrevistas e questionários.

Segundo Ruiz (2011), afirma a pesquisa de campo consiste na observação de como os fatos ocorrem, na coleta de dados, e no registro das variáveis relevantes para posteriores análises.

A coleta de dados para este trabalho foi realizada no mês de janeiro de 2020 nas dependências da Faculdade de Itaituba-FAI através de entrevistas com perguntas subjetivas estruturadas. O público alvo da pesquisa foi as acadêmicas do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, que contaram relatos de sua trajetória enfrentada para realização da conclusão do Ensino Superior.

3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS

A primeira acadêmica a ser entrevistada foi Leuziane Rodrigues da Cunha Alcantra, nascida no dia 22 de abril do ano de 1992 no município de Itaituba Pará, acadêmica do oitavo período do curso de pedagogia, atua na área da educação como professora há três anos na escola Júlio Cesar anexo ao Rei Davi localizada no km 17, comunidade Boa Vista zona rural sentido km 30.

A segunda a ser entrevistada foi a acadêmica Bianca Queiroz de Lima Ribeiro, nascida no dia 10 de janeiro do ano de 1989 no município de Itaituba Pará, acadêmica do oitavo período do curso de pedagogia, durante a trajetória no curso trabalhou como professora, depois trabalhou como caixa na casa lotérica e atualmente é dona de casa e trabalha como autônoma.

A terceira acadêmica a ser entrevistada Maria da Anunciação Campos Santos, nascida no dia 7 de setembro de 1967 em São Luís no estado do Maranhão, acadêmica do oitavo período do curso de pedagogia atualmente trabalha como autônoma.

A quarta acadêmica a ser entrevistada foi Maria José Silva Raeser, nascida no dia cinco de maio do ano de 1987 no município de Itaituba Pará, acadêmica do oitavo período do curso de pedagogia atua como professora a quatro anos na zona garimpeira.

A quinta acadêmica a ser entrevistada foi Marciana Marinho da Silva, nascida no dia 4 de fevereiro de 1992 no município de Itaituba Pará, acadêmica do oitavo período do curso de Pedagogia atuante na área da educação a 4 anos.

A sexta e última acadêmica a ser entrevistada foi Martele Martins Ciqueira, nascida no dia 9 de agosto do ano de 1969 na cidade de Governador Valadares

no estado de Minas Gerais, acadêmica do quinto período do curso de pedagogia, professora da educação infantil, trabalhou um ano e meio na Escola de Ensino Fundamental Kabay boi aldeia Katã, atualmente trabalha na Escola Municipal de Ensino Infantil Irene Prelaz.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Os sujeitos dessa pesquisa foram acadêmicos do curso de pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, a pesquisa foi realizada nas dependências da instituição de ensino. Para a realização da pesquisa foram entrevistadas seis mulheres que estavam cursando entre o quinto ao oitavo período do curso de pedagogia. Primeiramente foi feito a identificação das acadêmicas.

Quadro 1: Escolaridade área de atuação e tempo de serviço. Fonte: Acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, em Itaituba- Pará/2020.

Entrevistadas	Escolaridade	Área de atuação	Tempo de serviço
A1	8º Período Pedagogia	Professora na Zona Rural	3 anos
A2	8º Período Pedagogia	Autônoma	-----
A3	8º Período Pedagogia	Autônoma	-----
A4	8º Período Pedagogia	Professora Zona Garimpeira	4 anos
A5	8º Período Pedagogia	Professora	4 anos
A6	5º Período Pedagogia	Professora Educação Infantil	3 anos

Conforme os dados apresentados no quadro a respeito da identificação mostra escolaridade, área de atuação e tempo de serviço das acadêmicas entrevistadas, pode-se observar que a maioria das acadêmicas já estão no oitavo período na reta final do curso e já atuam na área da educação entre três a quatro anos, ou seja, desde o início da formação.

Pode constatar que a maioria possui experiência em relação a trajetória realizada para a conclusão do curso, tendo que está sempre conciliando a atuação profissional com os estudos família e os afazeres doméstico.

Dando prosseguimento as perguntas, foi questionado as entrevistadas **quais são as principais dificuldades encontradas por mulheres acadêmicas para permanecerem no curso de graduação.**

Quadro 2: Quais são as principais dificuldades encontradas por mulheres acadêmicas para permanecerem no curso de graduação? **Fonte:** Acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, em Itaituba- Pará/2020.

Acadêmica	Respostas
A1	As principais dificuldades são; a distância e as estradas ruins devido morar no interior, a falta de comunicação por não ter internet
A2	Uma das dificuldades que tive como acadêmica foi minha dupla jornada de trabalho, pois já estava cansada e ainda tinha que para faculdade estudar.
A3	As responsabilidades com a família que geralmente sobrecarrega a mulher pois é ele que cuida da casa dos filhos e do marido.
A4	Conciliar as funções de dona de casa com os estudos.
A5	A saudade da família.
A6	Em primeiro lugar deixar a família, marido, filhos e casa pois sou de uma cidade a 400 km de Itaituba.

O quadro acima trás comentários das acadêmicas entrevistadas, analisando as respostas fornecidas se pode observar que as dificuldades mais encontradas são: a distância de casa para faculdade, a falta de tempo para com a família e a dificuldade em conciliar os estudos com as outras funções existentes no dia a dia, isso acaba acarretando uma grande jornada de trabalho deixando a mulher sobrecarregada.

De acordo com os relatos das acadêmicas a distância e a saudade da família seria umas das principais dificuldades já que a maioria das acadêmicas moram no interior da cidade e em outros municípios, precisam enfrentar longas viagens estradas ruins, deixando a família, os filhos e marido no período que vem estudar.

Segundo (Bruschini,1994, p.182) “A persistência de um modelo de família no qual cabem a mulher as responsabilidades domésticas e socializadoras determina a necessidade de uma constante articulação entre papéis familiares e profissionais”.

O autor fala sobre a necessidade que as mulheres precisam ter, para poder conciliar as atividades domésticas, a relação com a família e as atividades profissionais, já que ainda permanecem a ideia de que a mulher é responsável pelas atividades domésticas, sendo ela responsável por cuidar da família, filhos e das atividades cotidianas, conciliando as atividades domésticas a relação com a família com a vida profissional.

Com o objetivo de analisar quais as expectativas das acadêmicas após a conclusão do curso foram elaboradas a seguinte pergunta para as entrevistadas, **qual a expectativa dessas mulheres após a conclusão do ensino Superior.**

Quadro 3: Qual a expectativa dessas mulheres após a conclusão do ensino Superior? **Fonte:** Acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, em Itaituba- Pará/2020.

Acadêmica	Respostas
A1	Minha expectativa é terminar a faculdade, fazer uma pós-graduação e me especializar na área da educação.
A2	Pode atuar na nossa área de formação.
A3	Que possa ser inserida no mercado de trabalho para contribuir com a situação financeira da família.
A4	Melhorias financeira, estabilidade no trabalho e a valorização profissional da mulher
A5	Auxiliar nas questões financeiras em casa através de um emprego na área.
A6	Ingressar no mercado de trabalho trabalhando na profissão escolhida e melhorar a qualidade de vida.

Percebe-se com as respostas das entrevistadas que as expectativas das mulheres acadêmicas após a conclusão do Ensino Superior é fazer especialização na área da educação, conseguir ingressar no mercado de trabalho na área na qual se formou e poder ter uma estabilidade financeira, melhorar a qualidade de vida e ajudar a família financeiramente.

Segundo a ONU Brasil (2016 p.67). “A significativa crescente participação formal das mulheres no mercado de trabalho do Brasil também se alicerça numa maior escolarização geral de sua população”. Conforme mencionado com a grande demanda da participação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro acarretou em uma máxima escolarização da população feminina, ou seja, o trabalho acabou fazendo com que as mulheres buscassem por melhores qualificações.

Cada vez mais as mulheres estão buscando educação, escolarização para estar ingressando no mercado de trabalho e obtendo igualdade salarial no ambiente de trabalho, melhorando assim a sua qualidade de vida, podendo ter uma estabilidade financeira e ajudar a família financeiramente

Com a finalidade de saber quais são os desafios enfrentados pelas acadêmicas no decorrer do curso para conciliar as várias jornadas de trabalho com a graduação foi feita a seguinte pergunta, **quais são os desafios enfrentados pelas acadêmicas que são: mães, esposas e “donas de casa”, para conciliar os vários segmentos diários de trabalho.**

Quadro 4: Quais são os desafios enfrentados pelas acadêmicas que são: mães, esposas e “donas de casa”, para conciliar os vários segmentos diários de trabalho? **Fonte:** Acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, em Itaituba- Pará/2020.

Acadêmica	Respostas
A1	Ter que deixar meus filhos e minha família de lado por conta do tempo que é muito corrido, pois tenho que cuidar da casa, da minha família e dos estudos.
A2	Os desafios não são fáceis, mais quando se tem objetivos e o apoio da família fica mais fácil conciliar tudo.
A3	É um desafio muito grande pois os filhos maiores não sabem tomar decisões nos acontecimentos voltados para casa sem que eu decida o que e como fazer.
A4	Estar presente em casa dando atenção devida para os filhos e marido e se concentrar nos estudos.
A5	São muitos, principalmente na construção do TCC (trabalho de conclusão de curso), já que o mesmo dedica tempo e concentração
A6	Uma carga horaria de trabalho muito grande, pois ser mãe não é fácil não temos receita pronta para educa-los, ainda tem o marido que cobra atenção o tempo todo e a casa para administrar e manter tudo em ordem.

De acordo com os relatos são muitos os desafios enfrentados pelas acadêmicas que são mães esposas e donas de casa para poder conciliar as múltiplas jornadas de trabalho, algumas relataram que precisam deixar os filhos e maridos um pouco de lado não dando a atenção necessária pois precisam manter tudo em ordem conciliando a vida cotidiana com trabalho fora de casa e os estudos.

Outras mencionaram a grande carga horaria que precisam enfrentar diariamente para conciliar tudo, os desafios são diversos, porém quando tem objetivos e apoio da família tudo fica mais fácil para se conciliar.

Por um outro lado a manutenção de um modelo de família segundo a qual cabe as mulheres as responsabilidades domesticas e socializadoras, bem como a persistência de uma identidade construída em torno do mundo doméstico, condicionam a participação da mulher no mercado de trabalho a outros fatores além daqueles que se referem a sua qualificação e a oferta de emprego, como no caso dos homens (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2016, p.485).

De acordo com os autores supracitados existem alguns fatores que influenciam na entrada ou permanência no mercado de trabalho, além daqueles referentes a educação e mercado de trabalho, muitas mulheres têm que cuidar da vida doméstica, casa, filhos e esposos, ao contrário dos homens, a constante necessidade em

associar família com o mercado de trabalho acaba limitando muitas mulheres de ingressarem e investirem na carreira profissional.

Dando continuidade a entrevista indagou-se as entrevistadas **como você analisa as trajetórias para a conclusão do ensino superior das acadêmicas de pedagogia da Faculdade de Itaituba.**

Quadro 5: Como você analisa as trajetórias para a conclusão do ensino superior das acadêmicas de pedagogia da Faculdade de Itaituba? **Fonte:** Acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, em Itaituba- Pará/2020.

Acadêmica	Respostas
A1	São muitas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no decorrer do curso, percebe-se que a maioria do público do curso de pedagogia da faculdade de Itaituba e do sexo feminino.
A2	Somos todas vencedoras, muitas de nós abrimos mão de muitas coisas para estar aqui estudando.
A3	São mulheres determinadas com objetivos de superação e geralmente impulsionada pelo desejo de oferecer uma vida melhor aos filhos no futuro.
A4	Um avanço para a sociedade que discrimina as mulheres, mostrando sua capacidade.
A5	Uma trajetória de lutas e conquistas que vale muito a pena.
A6	É um sentimento enorme, de olhar para trás e ver que seus sonhos se realizaram.

Percebe-se que durante a trajetória para a conclusão do ensino superior das acadêmicas de pedagogia são muitas as dificuldades enfrentadas no decorrer do curso, sendo a maioria do público do curso de pedagogia da faculdade de Itaituba mulheres.

“Contemporaneamente, as mulheres são maioria no ensino superior e médio no Brasil e em quase metade dos países do ocidente” (COSTA; RIBEIRO, 2013, p.223). Segundo os autores atualmente a maioria do público dos cursos de ensino superior e médio é representado por mulheres, essa realidade está presente no Brasil e em quase metade dos países do Ocidente.

A maioria das entrevistadas mencionaram em relação a determinação, lutas, superação e conquista abrindo mão de diversas coisas para poder estudar muitas vezes impulsionada com o desejo de ofertar uma vida melhor para os filhos no futuro. Sendo um grande avanço para a sociedade que muitas vezes desvaloriza as mulheres.

Na sexta pergunta com o objetivo de verificar a opinião das acadêmicas em relação aos desafios enfrentados durante a trajetória do curso foi realizado a seguinte pergunta, **na sua opinião quais são os principais desafios enfrentados por essas acadêmicas na trajetória do ensino superior.**

Quadro 6: Na sua opinião quais são os principais desafios enfrentados por essas acadêmicas na trajetória do ensino superior? **Fonte:** Acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, em Itaituba- Pará/2020.

Acadêmica	Respostas
A1	São muitos os desafios enfrentados, no meu caso estudo no intervalar, moro em Miritituba, no período de aulas tenho que pegar a balsa todos os dias para vim e voltar para faculdade vindo e voltando a pé para o porto da balsa, como moro longe não tenho como voltar para casa para almoçar pois o tempo é curto e o gasto é bastante, por este motivo fico o dia inteiro na faculdade, gasto muito tendo que realizar as refeições em restaurantes, o custo financeiro também e uma grande dificuldade pois tenho que economizar caso contrário fico sem refeição.
A2	Os desafios são muitos entre eles; a distância mudei para outra cidade então fica muito difícil isso acaba tendo um grande gasto, ficar longe dos filhos pequenos, do marido e do aconchego de casa.
A3	Deixar suas casas com seus afazeres e se dedicar a realização de um sonho, pois muitas vezes é necessário abrir mão de muitas coisas.
A4	Para min o maior desafio foi a distância de casa, e as despesas com a faculdade hospedagem entre outras.
A5	São muitos os desafios entre eles a distância de casa dos filhos e do esposo.
A6	Os principais desafios no meu caso que moro em outra cidade são enfrentar estradas, longas viagens, deixar o conforto de casa ficar no alojamento da faculdade devido não ter local para ficar, e deixar a família.

Em relação aos principais desafios enfrentados pelas acadêmicas durante a trajetória do ensino superior, as entrevistadas responderam que são muitos os desafios enfrentados, distância de casa já que a maioria são de outros municípios, questões financeiras pois são muitos os gastos com a faculdade, transporte, alimentação, hospedagem etc.

Também mencionaram os desafios em deixar os afazeres domésticos, ficar longe do aconchego de casa da família, esposos e filhos pequenos abrindo mão de diversas coisas para poder realizar os objetivos.

Dando seguimento ao estudo, na sétima questão perguntou **quais são suas percepções quanto aos olhares das acadêmicas sobre a atuação da mulher no nível superior**

Quadro 7: Quais são suas percepções quanto aos olhares das acadêmicas sobre a atuação da mulher no nível superior? **Fonte:** Acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, em Itaituba- Pará/2020.

Acadêmica	Respostas
A1	Observa -se que as mulheres vêm se destacando cada vez mais no ensino superior
A2	Tenho orgulho em dizer que nós mulheres temos se destacado cada vez mais, buscando assim nossa independência financeira.
A3	As mulheres vêm se destacando cada vez mais, percebe-se que aqui na FAI a maioria do público do curso de pedagogia e do sexo feminino.
A4	Mulheres buscam cada dia mais educação e igualdade salarial no ambiente de trabalho.
A5	Percebe-se que as mulheres estão dominando, cada vez mais estão atuantes no ensino superior
A6	Um olhar de admiração e conquista.

De acordo com as percepções das acadêmicas em relação aos olhares sobre a atuação da mulher no nível superior, relataram que as mulheres vêm se destacando cada vez mais no ensino superior, buscando cada dia mais educação e igualdade salarial no mercado de trabalho em busca de sua independência financeira.

As entrevistadas também falaram sobre seus olhares de admiração e conquista em relação a presença das mulheres no ensino superior, frisando que podem observar que na Faculdade de Itaituba o público alvo do curso de Licenciatura em Pedagogia são mulheres.

Ristoff (2006), afirma a maior presença das mulheres tanto na educação básica como no ensino superior, mostra que no Brasil a população está se tornando tradicionalmente mais educada, mais e mais teremos mulheres altamente qualificadas, ocupando posições de liderança em todas as áreas de conhecimento contribuindo para a consolidação de um país soberano, avançado e democrático.

Para finalizar a entrevista com o objetivo de verificar quais são as estratégias utilizadas para a conciliação das jornadas de trabalho com os estudos foi perguntado, **quais são as estratégias usadas por estas mulheres para conciliar as múltiplas jornadas com a graduação.**

Quadro 8: Quais são as estratégias usadas por estas mulheres para conciliar as múltiplas jornadas com a graduação? **Fonte:** Acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI, em Itaituba- Pará/2020.

Acadêmica	Respostas
A1	Primeiro ter fé em Deus que tudo dará certo, confiar em si mesmo nada é fácil as dificuldades são muitas, porém é preciso superar as barreiras para chegar até o final e contar sempre com o apoio da família.
A2	São muitas eu pelo menos conto com minha mãe e meu esposo para cuidarem dos meus filhos.
A3	As estratégias são diversas, primeiro que a mulher tem mais facilidade em ser multifuncional, isso é natural pois consegue se programar para atender todas as responsabilidades conciliando casa filhos trabalho e graduação.
A4	Para a maioria é estudar no intervalar por ser no período das férias assim facilita bastante para quem tem filhos.
A5	São várias as estratégias entre elas estudar no intervalar e contar com a ajuda da família.
A6	São muitas as estratégias utilizadas, estudar no intervalar período das férias, confiar em si mesmo fechar os olhos e ouvidos e seguir em frente.

A partir das respostas acima é possível afirmar que são várias as estratégias utilizadas pelas acadêmicas para conciliação das jornadas de trabalho com a graduação, a maioria relatou que conta com a ajuda da família e escolheram estudar no período das férias (intervalar) para ficar mais viável a conciliação dos afazeres domésticos, com a família e o trabalho.

Vale ressaltar também que as mulheres tem mais facilidade em ser multifuncionais, isso é natural pois consegue se programar para atender todas as responsabilidades conciliando casa, filhos, trabalho e graduação.

Acima de tudo é preciso confiar em Deus e em si mesmo, seguindo superando os desafios. “Mesmo com todo o esforço feminino ainda há muito preconceito, o que atrapalha a ascensão profissional e um salário mais digno” Baylão; Schettino (2014 p.6).

Diante de todos os esforços que as mulheres enfrentam ainda existe muito preconceito e desigualdades em relação ao gênero atrapalhando assim a elevação profissional em algumas áreas e a falta de um salário mais digno, pois ainda existem as desigualdades salariais em relação ao sexo, existindo a diferença salarial pelo simples fato de ser do sexo feminino.

CONCLUSÃO

A história das mulheres desde os primórdios foi marcada por muitas lutas e pelo direito de igualdade, sabe-se que historicamente a mulher não tinha voz nem vez na sociedade, seu papel era restrito apenas aos afazeres domésticos, com o passar dos tempos essa realidade começou a mudar.

Neste sentido, a presente monografia teve por finalidade analisar a trajetórias de mulheres na conclusão do Ensino Superior com foco de análise para os olhares de acadêmicas do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba, no período de janeiro de 2020, descrevendo os principais desafios enfrentados por essas acadêmicas na trajetória do ensino superior, onde verificou-se quais são os seus olhares sobre a atuação da mulher no ensino superior e identificando as estratégias usadas por estas mulheres para conciliar as múltiplas jornadas de trabalho com a graduação. Ao termino deste trabalho, encontrou-se respostas às questões iniciais.

A pesquisa afirmou que existem várias dificuldades encontradas por estas mulheres para permanecerem na graduação, e as mais encontradas são, a distância de casa para a faculdade, a falta de tempo para com a família e a dificuldade em conciliar os estudos com as outras funções existentes no cotidiano, isso acaba acarretando uma grande jornada de trabalho deixando a mulher sobrecarregada.

Todavia, vale destacar em relação aos olhares sobre a atuação da mulher no nível superior, que estas vêm se destacando cada vez mais, buscando cada dia mais educação, igualdade salarial no mercado de trabalho e independência financeira, causando olhares de admiração e conquista em relação a sua presença no ensino superior. Vale ressaltar que ao observar o curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Itaituba o público alvo são mulheres.

Notou-se que são muitos os desafios enfrentados pelas acadêmicas que são mães, esposas e “donas de casa”, para conciliar as múltiplas jornadas de trabalho com a graduação, entre eles a sobrecarga de trabalho, preocupações com os filhos, falta de tempo para a família, deixando os filhos e maridos um pouco de lado não dando a atenção necessária, conciliar a vida cotidiana com o trabalho fora de casa e os estudos, os desafios são diversos, porém quando tem objetivos e apoio da família tudo fica mais fácil.

Autores como Priore (2016), Tilly(1990), Aranha(2006), Costa; Ribeiro(2013) Francisco Filho(2004), entre outros serviram de suporte essencial para construção deste trabalho de pesquisa. Esta pesquisa é útil e necessária para conhecimento da história das mulheres e para incentivar a cada vez mais as mulheres se inspirarem a está sempre lutando por igualdade de direito.

Diante de tudo que foi pesquisado e analisado é possível notar que ainda são muitas as dificuldades e desafios enfrentados pelas mulheres para conclusão da graduação, são muito os fatores que influenciam direto e indiretamente; porém, é possível afirmar que a mulher vem sempre enfrentando e rompendo desafios para obter reconhecimento e igualdade de direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. São Paulo 3 ed. Moderna 2006.

ASSIS, Maria Elisabete de; SANTOS, Taís Valente. **Memória feminina: mulheres na história, história de mulheres**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, ed. Massangana, 2016.

BAYLÃO, André Luís da Silva; SCHETTINO, Eloisa Maria Oliveira. **A Inserção Da Mulher no Mercado de Trabalho Brasileiro**. XI Simpósio de Excelência em Gestão de tecnologia, tema: Gestão do Conhecimento para Sociedade. 22 a 24 de outubro 2014.

BARBOSA, Robson Gomes. **A História da Educação na Antiguidade**. Florianópolis, Santa Catarina, Recanto das Letras, 2012.

BARSTED, Leila Linhares; PITANGURY, Jacqueline. **O progresso de mulheres no Brasil 2003-2010**, Rio de Janeiro: CEPIA, Brasília: ONU Mulheres , 2011.

BAIANCIN, Euclides Martins; STORNIOLO, Ivo. **Bíblia Sagrada Edição Pastoral**. São Paulo edição Paulus 1990.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. **O Trabalho da Mulher Brasileira nos Primeiros Anos da Década de Noventa**. Anais, 2016.

BRUSCHINI, Cristina. **O Trabalho da Mulher Brasileira nas Décadas Recentes**. Revista Estudos Feministas, outubro 1994 p.179-199.

CRUZ, Vagner de Oliveira. **Feminino: A construção histórica do papel da mulher**. Simpósio de História, RJ 2013.

COSTA, Cléria Botelho; RIBEIRO, Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante. **Fronteiras móveis: Culturas, identidades**. Goiânia ed. da PUC Goiás, 2013.

FRANCISCO FILHO, Geraldo, **A Educação Brasileira no Contexto Histórico**. Campinas. 2. ed. SP: Editora Alínea, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: atlas, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução a Pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35 , 1995

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo; Atlas 2010.

LEITE, Francisco Tarciso. **Metodologia científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida SP: Ideias e Letras, 2008.

MARCILIO, Maria Luiza. **Família, mulher, sexualidade e igreja na História do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993.

MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires; MELNIKOFF, Ricardo André Aires. **Professora, professorinha primeira profissão que legitima a mulher no século XIX**.IV Congresso Sergipano de História e IV Estadual de História da ANPUH/SE, 21 a 24 de outubro de 2014.

ONU; Mulheres, Encarte Brasil baseado no Relatório. **“O Progresso das Mulheres no Mundo 2015-2016”** Mais igualdade para as mulheres brasileiras: caminhos de transformação econômica e social – Brasília.

PRIORE, Mary Del. **Histórias da gente brasileira**: volume 1 colônia. São Paulo: Leya, 2016.

PRIORE, Mary Del. **A mulher na História do Brasil**. 4ª. ed. São Paulo, 1994.

RISTOFF, Dilvo. **A trajetória da Mulher na Educação Brasileira**, Folha de São Paulo, 2006.

RUIZ, Joao Álvaro. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. _6. ed. reimpr._ São Paulo: Atlas, 2011.

SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. Alves; COSTA, Suely Gomes. **A HISTÓRIA DAS MULHERES.CULTURA E PODER DAS MULHERES:ENSAIO DE HISTORIOGRAFIA**. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos e Gêneros. Niterói, v.2,n.1.p.7-30,200.

TILLY, A. Louise, **Gênero, história das mulheres e história social**, 1990.

Sites consultados

O que foi a Inquisição Disponível: <[https:// super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-inquisicao](https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-inquisicao)>Acesso em 27 de dezembro

Arquivo Edições Superiores-Editora segmento : Disponível
<https://revistaeducacao.com.br/edicoes-antiores> Acesso em dia 21 de janeiro de 2020.

APENDICE I



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**TEMA: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CONCLUSÃO DO ENSINO
SUPERIOR: OLHARES DE ACADÊMICAS DO CURSO DE
PEDAGOGIA DA FAI, ITAITUBA.**

ACADÊMICA: THAYSE ALVES MOREIRA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu _____ autorizo o uso da minha
Imagem e das informações prestadas nesta pesquisa.

_____/_____/_____

Itaituba-Pará, 2020.

APENDICES II



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- LTDA

FACULDADE DE ITAITUBA - FAI

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

TEMA: TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CONCLUSÃO DO ENSINO SUPERIOR: olhares de acadêmicas do curso de pedagogia da FAI, Itaituba-PA.

ACADÊMICA: THAYSE ALVES MOREIRA

Prezado entrevistados (a):

Esta entrevista é parte integrante de um trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, e tem por finalidade Trajetórias de mulheres na Conclusão do Ensino Superior: olhares de acadêmicas do Curso de Pedagogia da FAI-Itaituba. Desde já agradeço imensamente a sua colaboração por prestar informações fundamentais para essa pesquisa e preenchimento da entrevista solicitada.

Roteiro de Entrevista

Entrevista aplicada para acadêmicas do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Itaituba-FAI.

1 Identificação.

- a. Nome Completo? _____
- b. Data de Nascimento? _____
- c. Local de Nascimento? _____
- d. Telefone para Contato? _____
- e. Escolaridade? _____
- f. Área de atuação e tempo de serviço? _____

2 Quais são as principais dificuldades encontradas por mulheres acadêmicas para permanecerem no curso de graduação?

3 Qual a expectativa dessas mulheres após a conclusão do Ensino Superior?

4 Quais são os desafios enfrentados pelas acadêmicas que são: mães, esposas e “donas de casa”, para conciliar os vários segmentos diários de trabalho?

5 Como você analisa as trajetórias para a conclusão do Ensino Superior das acadêmicas de pedagogia da Faculdade de Itaituba?

6 Na sua opinião quais são os principais desafios enfrentados por essas acadêmicas na trajetória do Ensino Superior?

7 Quais são suas percepções quanto aos olhares das acadêmicas sobre a atuação da mulher no nível superior?

8 Quais são as estratégias usadas por estas mulheres para conciliar as múltiplas jornadas de trabalho com a graduação?

MOREIRA, Thayse Alves.

TRAJETÓRIAS DE MULHERES NA CONCLUSÃO DO ENSINO SUPERIOR: Olhares de acadêmicas do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba/PA-FAI/PA/Thayse Alves Moreira. Itaituba: FAI, 2020.

59.fls.

Orientadora: Professora Mestra Raquel Peres Rocha

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba – FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR- PA, 2020.

1. Trajetórias 2. Mulheres. 3. Ensino Superior.4. Educação I. ROCHA, Raquel Peres. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2020.